

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

MICHÉLI CAROLÍNI DE DEUS LIMA SCHWADE

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO NHEENGATU FALADO NO MÉDIO
RIO AMAZONAS

MANAUS

2014

MICHÉLI CAROLÍNI DE DEUS LIMA SCHWADE

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO NHEENGATU FALADO NO MÉDIO RIO
AMAZONAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raynice Geraldine Pereira da Silva.

MANAUS

2014

MICHÉLI CAROLÍNI DE DEUS LIMA SCHWADE

DESCRIÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO NHEENGATU FALADO NO MÉDIO RIO
AMAZONAS

Manaus, 13 de Outubro de 2014

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Raynice Geraldine Pereira da Silva - UFAM
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Lucy Seki - UNICAMP
(Examinadora)

Prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco - UFAM
(Examinador)

Prof^ª. Dr^ª. Aline da Cruz - UFG
(Examinadora)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Luíza de Carvalho Cruz Cardoso - UFAM
(Suplente)

Prof. Dr. Mateus de Oliveira Coimbra – UFAM
(Suplente)

Ficha Catalográfica

Ficha Catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

L732d Lima Schwade, Michéli Carolíni de Deus
DESCRIBÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO NHEENGATU
FALADO NO MÉDIO RIO AMAZONAS / Michéli Carolíni de Deus
Lima Schwade. 2014
109 f.: il. color; 29,5 cm.

Orientadora: Raynice Geraldine Pereira da Silva
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Nheengatu. 2. Língua Geral Amazônica. 3. Estudo fonético-
fonológico. 4. Médio Rio Amazonas. I. Silva, Raynice Geraldine
Pereira da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

Aos falantes de hoje e de outrora da Língua Nheengatu
Aos amigos Agabino Pereira dos Santos, José Pereira Nogueira e Luiz Calixto

Agradecimentos

A Deus, que me fortalece nesta caminhada.

Aos meus pais, Milton Viana de Lima e Marlúcia de Deus Lima, pelo amor incondicional dedicado a mim.

À minha irmã, Ídri Íli de Deus Lima, minha parceira, amiga, confidente e ao seu esposo Álvaro Oliveira por terem me presenteado com a mais nova alegria da minha vida: meu sobrinho.

Ao meu esposo Tiago Maiká Müller Schwade pela dedicação, paciência, carinho e amor nestes quase dez anos de companheirismo.

À minha família Deus Lima Schwade, por todo apoio e torcida.

Aos irmãos José Pereira Nogueira, Luiz Calixto e Agabino Pereira dos Santos, falantes do Nheengatu, que compartilharam conosco sua língua materna ao entenderem a importância desta pesquisa.

À Vanessa Marruche, ao Thiago Eugênio e a Maria Perpétua, amigos de longa data, pelo incentivo, apoio, ajuda, e carinho em todos estes anos de amizade.

À minha orientadora, Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva, por acreditar na pesquisa, pelas orientações durante esta caminhada e pela amizade que quero levar pela vida inteira.

Ao querido Prof. Giancarlo Stefani por ter me apresentado o Nheengatu e por ter ajudado esta professora de inglês a enxergar o estudo de uma língua em outra perspectiva.

Às amigas do PPGL, por dividirem comigo as angústias e conquistas nesta etapa de vida, em especial à Suzana Espírito Santo e Laura Miranda, amizade que ultrapassou a fronteira da Universidade.

Aos professores do PPGL por todos os ensinamentos nesta jornada.

À Angélica Castro, secretária do PPGL, por toda assistência, eficiência, dedicação, paciência, carinho e amizade.

Aos professores do Curso de Letras Língua Inglesa da UFAM que me acompanham desde a graduação com ensinamentos valiosos e que me incentivam, apoiam e ajudam nesta caminhada acadêmica.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, profa. Dra. Lucy Seki, profa. Dra. Aline da Cruz, prof. Dr. Frantomé Bezerra Pacheco, profa. Dra. Maria Luíza de Carvalho Cruz Cardoso e prof. Dr. Mateus de Oliveira Coimbra pela disponibilidade, pelas leituras cuidadosas e pelas contribuições valiosas.

À FAPEAM, pela concessão da bolsa de estudos durante o curso, possibilitando a realização da pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo estudar e descrever a variante do Nheengatu falado na região do Médio Rio Amazonas. O referido estudo limita-se ao aspecto fonético e fonológico. Um estudo fonético-fonológico tem por objetivo conhecer como este sistema é organizado e como exerce função de comunicação. Para isso, usamos o aporte da linguística descritiva que se propõe a trabalhar com descrições detalhadas e exaustivas dos sistemas de expressão de línguas específicas (Gleason, 1978). Utilizamos, como base teórica, os trabalhos de Gleason (1978), Katamba (1989), Cagliari (2002) e Pike (1943 e 1947), no que diz respeito à descrição fonética e fonológica da língua e os postulados de Kenstowicz (1994) para análise da estrutura silábica. Dentro da teoria linguística, esta descrição permitiu uma comparação tanto entre as línguas do Tronco Tupi, neste caso o Nheengatu e o Sateré-Mawé, quanto entre duas variantes desta língua, a do Médio Rio Amazonas e do Rio Negro. O estudo dessa variante do Nheengatu contribui para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras, em especial, as línguas amazônicas, sendo elas importantes para a cultura e identidade dos povos da região.

Palavras –chave: Nheengatu, Médio Rio Amazonas, Estudo fonético-fonológico.

ABSTRACT

This work aims to study and describe the Nheengatu spoken variant in Middle Amazon River. It is limited to the phonological and phonetic aspect. Phonetic and phonological study aims to understand how this system is organized and how has communication function. For this, we used the input of descriptive linguistics, which proposes to make detailed and comprehensive statements about the expression systems of specific languages (Gleason (1978)). We also used, as theoretical basis, the work of Gleason (1978), Katamba (1989), Cagliari (2002) e Pike (1943 e 1947) with regard to phonetic and phonological descriptions of this language and Kenstowicz' postulates (1994) for analyzing the syllabic structure. Within linguistic theory, this description permitted a comparison between both the languages of the Tupi stok, in this case Nheengatu and Sateré-Mawé, as between two variants of this language, Middle Amazon River and Rio Negro River. The study of this Nheengatu's variant intends to contribute to the knowledge of Brazilian indigenous languages, especially Amazonian languages, which were important to the culture and identity of the peoples of the region.

Keywords: Nheengatu, Middle Amazon River, Phonetic and Phonological Study.

LISTA DE SÍMBOLOS, SIGLAS E ABREVIACÕES UTILIZADAS

[]	Representação Fonética
/ /	Representação Fonológica
σ	Estrutura Silábica
'	Acento Primário
,	Acento Secundário
~	Alternância Fonética e Fonológica
.	Fronteira Silábica
1s	Primeira pessoa sujeito
C	Consoante
CAA	Contraste em Ambiente Análogo
CAI	Contraste em Ambiente Idêntico
V	Vogal
At	Ataque
N	Núcleo
Co	Coda
R	Rima

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (FIGURAS)

Figura 1 - O Nheengatu na Família Tupi-Guarani.....	18
Figura 2 - Migração de Grupos Tupinambá segundo Acuña.....	24
Figura 3 - Região do Médio Rio Amazonas.....	38
Figura 4 - Constituintes da Sílabas por Kenstowicz.....	69
Figura 5 - Sistema Consonantal do Nheengatu do Alto Rio Negro.....	90
Figura 6 - Sistema de Vogais do Nheengatu do Alto Rio Negro.....	91

LISTA DE ILUSTRAÇÕES (QUADROS)

Quadro 1 - Cronologia de alguns registros escritos do Tupinambá até o Nheengatu.....	31
Quadro 2 - Fones Consonantais.....	40
Quadro 3 - Fones Vocálicos.....	45
Quadro 4 - Fonemas Consonantais.....	57
Quadro 5 - Fonemas Vocálicos.....	64
Quadro 6 - Tabela de Hierarquia de Sonoridade do Nheengatu do Médio Rio Amazonas.....	71
Quadro 7 - Fonemas Consonantais.....	90
Quadro 8 - Fonemas Vocálicos.....	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. DO TUPI AO NHEENGATU: UMA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA	18
1.2. Os registros escritos: raízes da emergência do Nheengatu.....	28
2. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS	36
2.1. Trabalho de Campo.....	37
2.2. Fones Consonantais.....	39
2.2.1. Oclusivas.....	40
2.2.2. Nasais.....	41
2.2.3. Tepe.....	42
2.2.4. Fricativa.....	43
2.2.5. Aproximantes.....	44
2.3. Fones Vocálicos.....	44
2.3.1. Vogais Altas.....	45
2.3.2. Vogais Médias.....	47
2.3.3. Vogais Baixas.....	49
2.4. Análise Fonêmica.....	51
2.4.1. Segmento Consonantal.....	51
2.4.1.1. Contraste.....	51
2.4.1.2. Distribuição Complementar.....	54
2.4.1.3. Variação Livre.....	55
2.4.1.4. Quadro de Fonemas Consonantais.....	56
2.4.2. Segmento Vocálico.....	59
2.4.2.1. Contraste.....	59
2.4.2.1.1. Vogais Orais.....	59
2.4.2.1.2. Vogais Nasais.....	61
2.4.2.2. Distribuição Complementar.....	62
2.4.2.3. Variação Livre.....	63
2.4.2.4. Quadro de Fonemas Vocálicos.....	64
2.5. PROCESSOS MORFOFONÊMICOS.....	65
3. ESTRUTURA SILÁBICA	69
3.1. Hierarquia de Sonoridade.....	70
3.2. Tipos e Distribuição Silábica.....	72
3.3. Silabificação.....	75
3.4. Glides.....	77

3.4.1.	Sequência de segmento em Ataque.....	79
3.4.2.	Sequência de segmento em Coda.....	81
4.	ACENTO	86
5.	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS.....	90
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
	REFERÊNCIAS	96
	APÊNDICE - Vocabulário Nheengatu do Médio Rio Amazonas.....	100

INTRODUÇÃO

A Língua Geral Amazônica (doravante Nheengatu) foi a língua da colonização da Amazônia do século XVII ao XIX. Ela era falada tanto pelos portugueses que a aprendiam ao chegarem à região para colonizar, quanto pelos índios de diversas etnias que usavam esta língua para se comunicarem entre si e com os colonizadores. Entretanto, para não perder o domínio da região para a Espanha, Portugal, através de Marquês de Pombal¹, proíbe o uso da língua Nheengatu, na Amazônia, em 1727, para que a língua portuguesa fosse estabelecida. A língua Nheengatu perdeu sua hegemonia, na região Amazônica, reduzindo-se a um número de 6.000 falantes no Brasil². Atualmente, sua maior abrangência é no município de São Gabriel da Cachoeira, no Alto Rio Negro, Amazonas. Entretanto, vale ressaltar que o Nheengatu chegou àquela região através do processo de colonização portuguesa na Amazônia, tendo em vista que, naquele município, não há registros de outras línguas do tronco tupi. Recentemente, Cruz (2011) publicou uma descrição da variante do Nheengatu do Alto Rio Negro falada pelos povos Baniwa, Warekena e Barés.

A área onde o estudo foi realizado abrange a região do Médio Rio Amazonas, mais precisamente nos municípios de Parintins e Barreirinha no Estado do Amazonas. Nesta área, há falantes da língua Portuguesa, da língua Sateré-Mawé (Tupi) e da língua Nheengatu. A comunicação é feita, majoritariamente, utilizando o Português e o Sateré-Mawé. O Nheengatu foi bastante falado nesta região. Porém, atualmente, há poucos falantes desta língua e todos com mais de quarenta anos.

A pesquisa tem como objetivo estudar a variante do Nheengatu falado na região do Médio Rio Amazonas. O trabalho limitar-se-á ao aspecto fonético-fonológico. No que concerne à teoria linguística em geral, esta descrição inicial (prevendo a descrição morfosintática para uma segunda pesquisa) permitirá uma comparação tanto entre as línguas do tronco Tupi daquela região, o Nheengatu e o Sateré-Mawé, quanto entre as duas variantes desta língua, a do Médio Rio Amazonas e a do Alto Rio Negro.

O estudo do Nheengatu nesta região surgiu a partir da necessidade de se estudar uma variante desta língua em um lugar onde houvesse outras línguas indígenas pertencentes ao mesmo tronco linguístico que o Nheengatu (o Tupi), tendo em vista que na região do Rio Negro onde ela se mantém até hoje, não há registros de outras línguas indígenas do tronco

¹ Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido como Marquês de Pombal, foi primeiro ministro do rei de Portugal no século XVIII.

² Moseley, 2010, citado por Cruz, 2011, p.16.

Tupi. Nossa escolha pela variante do Médio Rio Amazonas teve como base registros do Nheengatu na região e de como seu contato com o Sateré-Mawé (língua do povo Sateré-Mawé pertencente também ao tronco tupi) se apresentava. Taylor (1985), afirma que:

É difícil saber exatamente quando a língua geral cessou de ser utilizada como língua de comunicação no Solimões e no baixo Amazonas. Há ainda pessoas de idade que a falam e compreendem, mas parece que não há mais ninguém que a fale como língua materna. A principal diferença entre o nheengatu que se falava nesta região e a variante que se expandiu na área do Rio Negro é de **natureza fonológica**. Da primeira variedade só ouvi gravações feitas pelo Professor Ademir Ramos em território maué com informantes de língua materna sateré-maué. Como observou muito apropriadamente o Professor Ramos, é possível que o sistema fonológico do tupi tenha sido conservado melhor num ambiente onde a língua étnica também é de origem tupi. (TAYLOR, 1985, p.3) (grifo nosso)

Silva (2006) também registra o contato do Nheengatu e o Sateré-Mawé na região do Médio Rio Amazonas. Ela relata que influências do Nheengatu, língua da família Tupi-Guarani, podem facilmente ser observadas no léxico do Sateré-Mawé. Acrescenta ainda que há, basicamente, duas situações de empréstimos: palavras que foram incorporadas ao léxico sem alterações e palavras que sofreram adaptações ao serem incorporadas.

Atualmente, o Nheengatu não é falado cotidianamente na região. Há somente alguns falantes do Nheengatu como língua materna, mas que também são falantes de Sateré-Mawé. Todos eles possuem idade acima de quarenta anos, como já foi citado anteriormente. Dessa forma, o estudo do Nheengatu na região é necessário tendo em vista que, ainda, não há registros de trabalho de descrição linguística da variante do Nheengatu no Médio Rio Amazonas.

Para este trabalho, algumas indagações perpassaram ao longo da pesquisa.

- I. Qual o quadro fonético e fonológico do Nheengatu (variante do Médio Rio Amazonas)?
- II. A partir da coleta de dados, quais os possíveis empréstimos no nível fonológico³ do Nheengatu para o Sateré-Mawé e vice-versa?
- III. Comparando as variantes do Nheengatu do Alto Rio Negro e do Médio Rio Amazonas atualmente, no nível fonológico, podemos encontrar algumas diferenças e semelhanças entre elas?

³ Neste trabalho, nosso foco de estudo será a análise em nível fonológico, prevendo um estudo em nível lexical mais adiante.

Ao levantarmos esses questionamentos, alinharam-se as seguintes hipóteses: pela descrição do quadro fonético e fonológico da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, pôde-se encontrar empréstimos das línguas do tronco tupi daquela região sendo possível, ainda, estruturar uma lista dessas palavras. Além disso, quanto à comparação das duas variantes do Nheengatu (Alto Rio Negro e Médio Rio Amazonas), encontramos semelhanças, tendo em vista que ambas são variantes da mesma língua. Porém, registraram-se diferenças que foram objetos de reflexão quanto ao ambiente em que elas se desenvolveram. A variante do Médio Rio Amazonas trouxe sons, por exemplo, que a do Rio Negro não tem, pois esta última variante do Nheengatu se desenvolveu num ambiente onde não há outras línguas indígenas do tronco tupi.

O instrumental teórico de referência desta pesquisa é a Linguística Descritiva, ramo fundamental da Linguística como afirma Gleason (1978, p.12). Segundo este autor, a partir do fonema e morfema, unidades básicas de uma língua, os linguístas conseguiram elaborar uma teoria abrangendo o nível de expressão da linguagem, de modo a tornar possíveis descrições detalhadas e exaustivas dos sistemas de expressão de línguas específicas. Assim, a Linguística Descritiva divide-se em duas partes: a fonologia que se ocupa dos fonemas e suas sequências e a gramática que trata dos morfemas e suas combinações.

Este trabalho foi pautado, também, no comportamento fonético fonológico dos falantes do Nheengatu na região do Médio Rio Amazonas. Um estudo fonético-fonológico de uma determinada língua tem por objetivo conhecer como este sistema é organizado e como ele exerce função de comunicação.

A pesquisa, assim como em Silva (2006), baseou-se de dois níveis de análise: o fonético e o fonológico. O fonético para a realização da descrição dos fones e suas ocorrências e o fonológico para a definição dos fonemas e alofones. Há ainda o nível morfológico que foi utilizado no processo de formação de palavras, uma organização interna dos sons. Isso foi levado em consideração em palavras cuja estrutura fosse composta por elementos gramaticais, que fazem parte de outro nível de análise, interferindo nas realizações fonético-fonológicas.

Para esta pesquisa, utilizamos os trabalhos de Gleason (1978), Katamba (1989), Cagliari (2002) e Pike (1947), no que diz respeito ao modelo fonêmico de análise. Nesse sentido, Pike (1947) sugere que:

Fonética fornece uma técnica para descrever sons em termos de movimento de aparatos vocais e escrevê-los em termos de fórmulas articulatórias.

Fonêmica fornece uma técnica de processar dados fonéticos aproximados para descobrir unidades pertinentes de som e simbolizá-los em um alfabeto de fácil entendimento para os nativos [da língua] lerem. [...] Os sons de uma língua são automaticamente e inconscientemente organizados pelo nativo em unidades estruturais que chamamos de FONEMA (PIKE, 1947, p.57). (tradução nossa)⁴

Pike (1947) afirma que o modelo fonêmico, responsável por identificar os segmentos é classificado de duas formas diferentes: o ético e o êmico. Pike (1967, p.37) sugere que “O ponto de vista ético estuda o comportamento externo de um sistema particular e é como uma abordagem inicial para um sistema desconhecido. O ponto de vista êmico resulta de estudos comportamentais internos ao sistema” (tradução nossa)⁵, ou seja, o modelo fonêmico está pautado em nível fonético, ou ético, onde os sons da língua são identificados e descritos inicialmente e o nível fonêmico, ou êmico que trabalha com a organização e análise dos sons, formando classes significativas no sistema linguístico.

Ainda quanto aos aspectos fonológicos, levamos em consideração a sílaba, como parte constituinte em uma análise fonológica. Vários autores⁶ afirmam que a sílaba é parte essencial da organização fonológica, ou seja, não há como estudar a fonologia de uma língua sem passar pelo estudo da sílaba. Para esta análise, utilizamos o postulado de Kenstowicz (1994) que sugere que a sílaba é constituída por uma estrutura interna composta por um *Núcleo (Nucleus)* obrigatório, precedido por uma consoante opcional, *Ataque (Onset)* e seguido por uma consoante opcional, *Coda (Coda)*. O autor afirma, ainda, que há um subconstituente adicional chamado *Rima (Rhyme)* composto pelo *Núcleo* e pela *Coda*. Em outras palavras, a sílaba é composta por um *Ataque* e uma *Rima*, esta última é, ainda, constituída de um *Núcleo* e uma *Coda* sendo que qualquer categoria, exceto o *Núcleo*, pode ser vazia. É importante ressaltar que esta análise da sílaba é essencial, pois nos ajudou a entender a língua como um sistema.

Esta é uma pesquisa sobre línguas naturais que tem como objetivo descrever (limitando-se ao aspecto fonético e fonológico) a variante do Nheengatu falado na região do

⁴ “Practical phonetics provides a technique for describing sounds in terms of movements of the vocal apparatus, and for writing them in terms of articulatory formulas, i.e. as letters of a phonetic alphabet. Practical phonemics provides a technique for processing the rough phonetic data in order to discover the pertinent units of sound and to symbolize them in an alphabet easy for the native to read. [...] The sounds of a language are automatically and unconsciously organized by the native into structural units, which we call PHONEMES.” (PIKE, 1947, p.57).

⁵ “The etic viewpoint studies behavior from outside of a particular system, and as an essential initial approach to an alien system. The emic viewpoint results from studying behavior as from inside the system.”(PIKE, 1967, p.37).

⁶ Pike (1967), Katamba (1989), Kenstowicz (1994).

Médio Rio Amazonas e também com a finalidade de compará-la com o Sateré-Mawé, língua do mesmo tronco linguístico que está em contato com ela, bem como estabelecer uma comparação entre esta variante do Médio Rio Amazonas com a do Alto Rio Negro. Assim, esta pesquisa é de cunho qualitativo, tendo em vista que se trabalhou com esta língua em seu contexto natural, não interferindo na sua realização, além de não utilizar métodos estatísticos para quantificar seus resultados.

Finalmente, quanto à organização desta dissertação, há cinco capítulos que seguem esta introdução. O primeiro é sobre a historiografia linguística do Nheengatu. Ele é composto por duas seções. A primeira trata da história desta língua partindo desde suas raízes linguísticas, a Língua Geral Amazônica, do século XVII, chegando até os dias atuais quando foi estabelecida como língua co-oficial de São Gabriel da Cachoeira, município do Estado do Amazonas, juntamente com o Baniwa, o Tukano e o Português pela Lei 145/2002. A segunda seção contém uma pequena análise sobre os registros escritos os quais registraram a emergência do Nheengatu, ressaltando algumas visões de determinados autores que escreveram e/ou descreveram esta língua.

No segundo capítulo, temos a descrição fonética e fonológica do Nheengatu, variante do Médio Rio Amazonas. Entretanto, antes da descrição, propriamente dita, apresentamos os alicerces teóricos da Fonética e Fonologia que faz parte do processo de descrição linguística de uma língua ainda não estudada. Vale ressaltar que, ainda, não há estudos da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas atual. Contém, também, uma seção das etapas realizadas, em campo, de coleta de dados para análise. Finalmente, teremos a descrição fonética e análise fonológica. Há um inventário dos fones, consonantais e vocálicos, encontrados a partir da coleta de dados feita, utilizando os questionários lexicais e gramaticais baseados em Kaufman & Berlin (1987). As transcrições fonéticas foram feitas com base nos símbolos e diacríticos do Alfabeto Fonético Internacional (IPA, 2005). Os fonemas, consonantais e vocálicos também estão dispostos neste capítulo e foram organizados a partir do modelo fonêmico sugerido por Pike (1947).

O terceiro capítulo versa sobre a estrutura silábica do Nheengatu, partindo das observações feitas sobre modelo silábico proposto por Pike (1947) e Kenstowicz (1994). Estudamos a sílaba quanto à sua organização, distribuição dentro da palavra e os tipos silábicos desta língua.

No quarto capítulo, após o estudo fonético-fonológico da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, bem como a sílaba, levantamos algumas considerações sobre o acento.

Para o último capítulo, apresentamos algumas considerações acerca das relações entre as variantes do Nheengatu do Alto Rio Negro e do Nheengatu do Médio Rio Amazonas e entre esta última variante e a língua Sateré-Mawé.

Por fim, finalizamos esta dissertação com nossas considerações finais compostas por um breve registro das nossas conclusões.

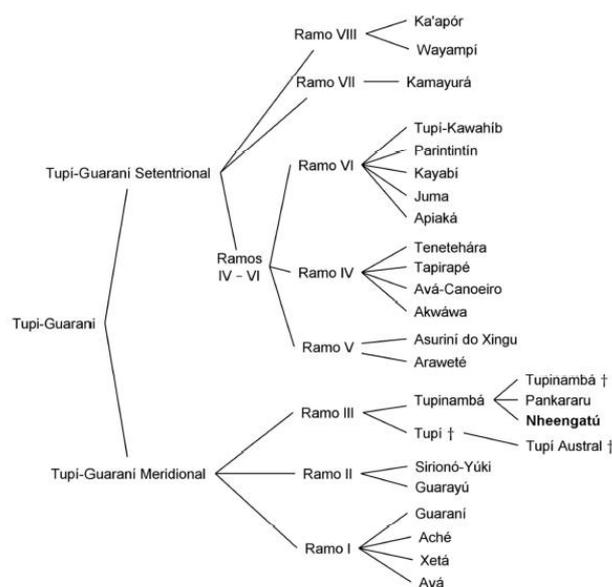
1. DO TUPI AO NHEENGATU: UMA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

De acordo com Borges (1996, p.44), “O Nheengatu, ou Língua Geral Amazônica, é uma língua da família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1984/85 e 1986), suas raízes estão ligadas ao processo de colonização portuguesa da Amazônia”. Levando-se em consideração a declaração destes autores, podemos afirmar que o Nheengatu faz parte da família Tupi-Guarani. Rodrigues (2002) explica que:

as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo critérios genéticos. Uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula a hipótese de que têm origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são manifestações diversas, alteradas no correr do tempo, de uma só língua anterior (RODRIGUES, 2002, p. 29).

Ainda segundo Rodrigues (1985), a família Tupi-Guarani possui, aproximadamente, quarenta línguas, agrupadas em oito subconjuntos os quais foram formados segundo o compartilhamento de certas propriedades específicas (basicamente fonológicas) que podem estabelecer uma referência ao Proto-Tupi-Guarani. Ele coloca a Língua Geral Amazônica (Nheengatu) no terceiro subconjunto. Cruz (2011) apresenta um quadro baseado nos estudos de Rodrigues (1985), situando o Nheengatu dentro da Família Tupi-Guarani como podemos ver na figura 1.

Figura 1 - O Nheengatu na Família Tupi-Guarani



Fonte: Cruz, 2011, p. 3.

Ao analisarmos essa figura, percebemos a relação que o Nheengatu possui com o Tupinambá, elas estão no mesmo subconjunto. Dessa forma, vale retomar a citação de Borges (1996), mencionada anteriormente, afirmando que a Língua Geral Amazônica possui suas raízes ligadas ao processo de colonização portuguesa da Amazônia. Nesse sentido, buscamos, através da história dessas línguas, estabelecer qual a relação existente entre elas para melhor compreendermos, mais tarde, as mudanças fonológicas (que iremos apresentar no capítulo seguinte) da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas. A título de sistematização, esta pesquisa utilizou os seguintes termos para situar o processo histórico que estabeleceu a língua Nheengatu:

- **Tupinambá:** Língua dos índios Tupinambá. Segundo Rodrigues (2002), ela era falada no século XVI por uma longa extensão da costa brasileira (do litoral de São Paulo ao litoral do Nordeste). Foi a língua descrita pelo padre José de Anchieta, publicada em forma de gramática em 1595, intitulada “Arte de gramática da Língua mais usada na Costa do Brasil”.
- **Língua Geral Brasílica** (Língua Brasílica): Nome firmado no início do século XVII a partir dos trabalhos realizados pelos padres, na maioria jesuítas, que estudavam a língua Tupinambá, sistematizando-a para usá-la como instrumento de catequização.
- **Língua Geral:** “língua popular, geral a índios missionados e aculturados e a não-índios.” (Rodrigues, 2002, p. 1001). Possui duas variantes. A primeira é a Língua Geral Paulista, língua dos bandeirantes que no século XVII saíam de São Paulo para explorar Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e o Sul do Brasil. Foi substituída pelo português já no século XVIII. A segunda é a Língua Geral Amazônica, desenvolvida, inicialmente no Maranhão e no Pará. Rodrigues (2002, p. 102) afirma que a LGA, o “Tupinambá e essa Língua Geral em que se transformou, é que foi a língua da ocupação portuguesa da Amazônia no século XVII e XVIII.” O autor ainda declara que a LGA foi o veículo não só da catequese, mas também da ação social e política portuguesa e luso-brasileira até o século XIX.
- **Nheengatu** (“língua boa”: de *nheen* “língua” e *katu*: “boa”): é a Língua Geral Amazônica de hoje, segundo Rodrigues (2002).

Para conhecermos melhor o processo histórico do Nheengatu, apresentamos um breve histórico do processo de colonização da Amazônia.

Por muito tempo, veiculou-se que a Língua Geral Brasileira fosse uma língua “inventada” pelos jesuítas para colonizar o Brasil. Entretanto, ao estudarmos sua história⁷, percebemos que ela não somente tem sua base linguística em uma língua natural como também se modificou à medida que entrou em contato com outras línguas.

Fica evidente que o Nheengatu, falado hoje no Alto Rio Negro, não é a mesma língua falada na época em que os portugueses chegaram ao Brasil. Isto se deve ao fato de que, durante o processo de colonização da Amazônia, foram diversas outras línguas, europeias e indígenas, que entraram em contato, contribuindo com mudanças, empréstimos, os quais culminaram no surgimento do Nheengatu.

Estima-se que na primeira etapa do processo de colonização portuguesa no Brasil havia aproximadamente 1.175 línguas indígenas segundo Rodrigues (1993, citado por Cruz, 2011). Seria necessário, então, escolher uma única língua. Segundo Leite (2003, p.11), “o século XVI foi o da expansão territorial da Europa, da colonização e do domínio do Novo Mundo”; com esse processo, a escolha de línguas gerais que ajudaria na comunicação e expansão dos europeus em seus novos territórios, foi um importante instrumento para a colonização. “Estas línguas gerais eram línguas autóctones escolhidas pela administração e pela igreja como veículo supra-regional de contato entre as diversas populações coloniais” (Altman, 2003, p.58).

Desta forma, era preciso decidir qual língua se tornaria franca. Levando-se em consideração que os Tupinambás eram um povo presente na Costa do Brasil, desde o litoral paulista até o litoral norte do Nordeste, ficou decidido que a língua deste povo seria a língua de comunicação.

Desde o rio do Maranhão, que está além de Pernambuco para o norte, até a terra dos carijós, que se estende para o sul, desde a Lagoa dos patos até perto do rio que chamam de Martin Afonso, em que poder haver 800 léguas de costa, em todo o sertão dela que se estenderá com 200 ou 300 léguas, tirando o dos carijós, que é muito maior e chega até as serras do Peru, **há uma só língua** (Anchieta, 1989 [1584] citado por Altman, 2003, p. 60; ênfases acrescentadas).

Em 1595, foi publicado pelo Pe. José de Anchieta “Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil”. Com a língua sistematizada, ficava mais fácil catequizar os índios,

⁷ Em 2011, apresentamos um trabalho sobre a historiografia linguística do Nheengatu sob a orientação do professor Giancarlo Stefani, sendo este o marco inicial para o estudo desta língua no Médio Rio Amazonas. Dessa forma, para mais informações sobre a historiografia linguística do Nheengatu, verificar Lima (2011).

bem como instruir os novos jesuítas que chegavam ao Brasil para ajudar na colonização. Assim, o Tupinambá passou a ser difundido, em larga escala, por conta do interesse dos colonizadores em expandir seus territórios. Com o passar do tempo, ele passou a ser denominado de Língua Geral Brasílica, tendo em vista que já não era somente a língua dos Tupinambás, mas também dos que participavam da colonização do Brasil. Rodrigues (2002) afirma que:

como grande parte dos colonos vinham para o Brasil sem mulheres, passaram a viver com mulheres indígenas, com a consequência de que a Língua Brasílica (isto é, o Tupinambá) veio a ser a língua materna de seus filhos. [...] Foi nas áreas mais afastadas do centro administrativo da Colônia (que era a Bahia) que se intensificou e generalizou o uso da Língua Brasílica como língua comum entre portugueses e seus descendentes – predominantemente mestiços – e escravos (inclusive africanos), os índios Tupinambá e os outros índios incorporados às missões, as fazendas e as tropas, em resumo, toda a população (RODRIGUES, 2002, p.101).

Com tantas línguas presentes nesse contato mencionado na citação anterior (português, língua indígenas, línguas africanas), pode-se concluir que a Língua Geral Brasílica, naquele momento, já apresentava diferenças da sua língua de origem, o Tupinambá.

O século XVII traz a expansão da Língua Geral pela Amazônia. Sendo o Brasil um país tão grande, sua colonização aconteceu em etapas. Desta forma, o interior do país só começou a ser ocupado quando o processo de colonização no litoral já estava quase consolidado. Depois de cem anos da ocupação de São Vicente e São Paulo no século XVI, a Amazônia começou a ser explorada pela Coroa Portuguesa, iniciando assim, sua expansão pelo Maranhão e Pará já no século XVII, mais precisamente em 1616. Ao chegarem à Amazônia, portugueses e índios aliados depararam-se com diversas línguas indígenas, dentre elas línguas do tronco Tupi. Como eles já falavam a Língua Geral Brasílica, a comunicação com os índios daquela região foi facilitada (FREIRE, 2004). A Língua Geral começa a avançar pela Amazônia, tornando-se, hegemonicamente, difundida. Segundo Keimen (1954, citado por FREIRE 2004, p.59), “tem-se conhecimento que foi declarada como língua oficial das missões da Amazônia e passou a ser usada com uma certa sistematização pelos índios de diferentes famílias linguísticas”. Retomando o cenário de diversidade linguística do início da colonização do Brasil, o contato de língua, tanto indígena quanto europeia, na região amazônica, também foi muito amplo. Muito deste contato deve-se a uma prática comum no início da colonização da Amazônia: as “aldeias de repartição”.

O colonizador europeu, recém-chegado em terras brasílicas, dependia dos índios, habitantes da região há milênios, para sobreviver, bem como para se estabelecer definitivamente no Brasil. Entretanto, encontrava dificuldades na comunicação com os diferentes povos indígenas, tendo em vista a grande quantidade de línguas existentes naquela época. Segundo Loukotka (1968, citado por FREIRE, 1983), eram, aproximadamente, 1.492 as línguas faladas na América do Sul, sendo que 718 eram faladas no território que hoje constitui a Amazônia Brasileira. Já na implantação das colônias e missões, o contato com os índios tornava-se muito mais importante devido à necessidade de tê-los como força de trabalho e como desbravadores do interior do país, visto que eram exímios conhecedores da região. Por conta disto, as aldeias de repartição foram criadas para agrupar os índios de diferentes etnias, facilitando assim, o processo de colonização.

Milhares e milhares de índios foram retirados de suas aldeias de origem, transferidos de seus territórios e integrados ao chamado sistema de "aldeias de repartição" ou "aldeias domésticas" e neste caso eram considerados como "livres"; ou então foram inseridos diretamente na produção e na prestação de serviços como escravos, o que era permitido pela legislação (FREIRE, 1983, p.5).

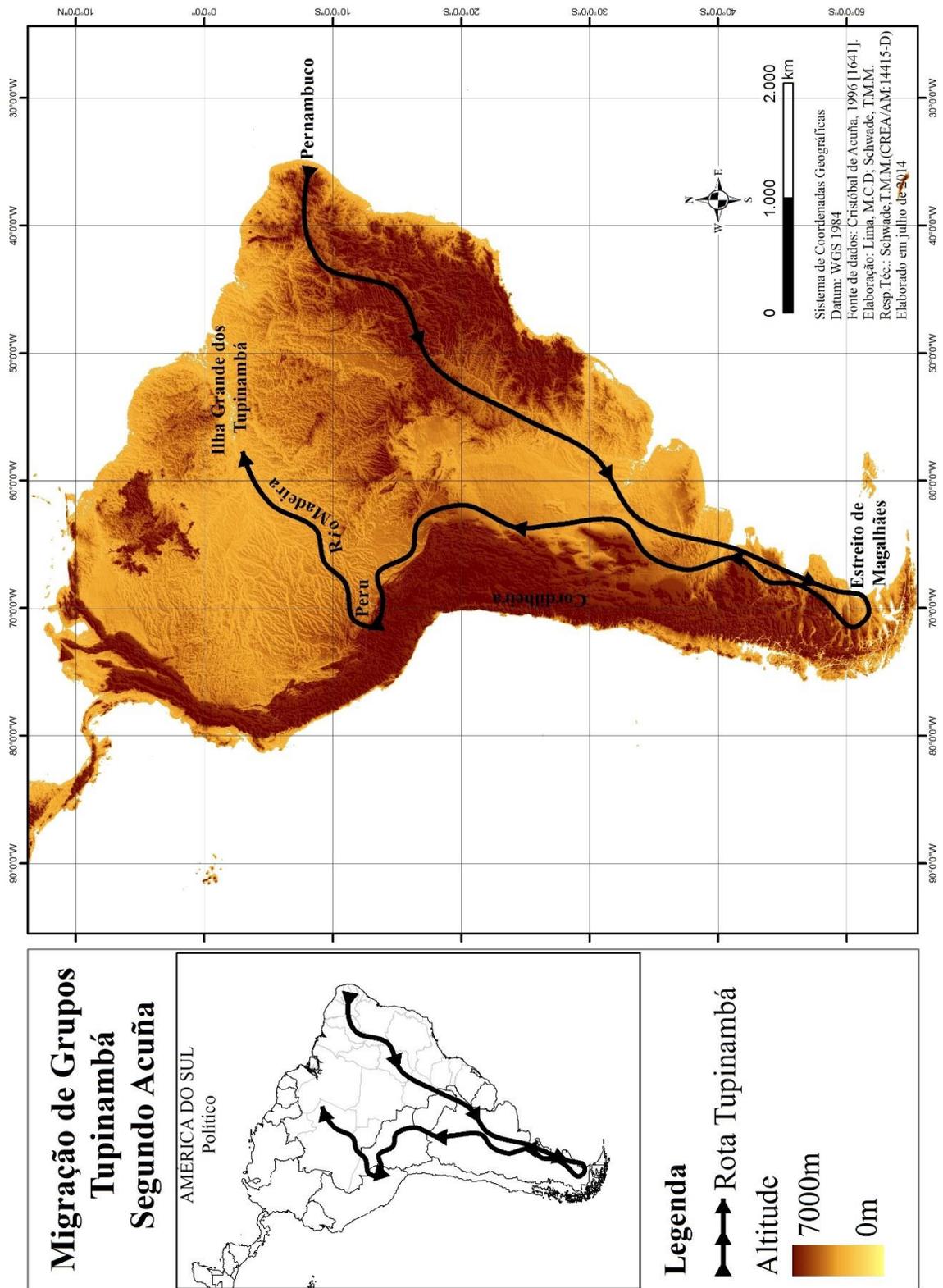
Este tipo de aldeia fixava-se perto dos centros produtivos daquela época e era controlado por um capitão-de-aldeia responsável por repartir os índios, entre "livres" e escravos, alugá-los e concedê-los aos colonos. Os missionários, a maioria deles da ordem dos jesuítas, eram responsáveis pela catequização. Vale lembrar, entretanto, que este tipo de estrutura social adotado no Brasil na época da colonização não descarta, por completo, a existência de muitas outras línguas indígenas faladas em território nacional e que, mesmo com uma língua franca, essas outras línguas ainda resistiam dentro das aldeias de repartição e, ao entrarem em contato com a Língua Geral Brasílica, acabavam influenciando sua mudança. Nesta fase de implantação da Língua Geral Amazônica, a influência do português e de outras línguas indígenas foi essencial para a construção e consolidação da "nova" língua. Ela precisava ter características de seus falantes para se tornar acessível a todos, porém, não podia perder seu papel fundamental, o de comunicação. A posição da Língua Geral era cada vez mais importante por solidificar-se no processo de colonização da Amazônia. Por conta disso, ela deixou de ser chamada apenas de Língua Geral, passou a ser chamada de Língua Geral Amazônica (LGA). A partir de então, começou a expandir-se, amplamente, por toda a região, principalmente próximos aos grandes rios amazônicos, Amazonas e Solimões, bem como seus

afluentes, permanecendo assim, até meados do século XVIII, quando o cenário linguístico voltado para a Língua Geral Amazônica (LGA) começa a se modificar.

Ainda no século XVII, há registros de falantes da Língua Geral na região do Rio Amazonas. O padre Cristóbal de Acuña, da Companhia de Jesus, relata a existência de uma ilha de sessenta léguas de comprimento e cem de circunferência a qual ele chama de *ilha grande dos Tupinambá* (ACUÑA, 1994, p.171), atualmente a ilha de Parintins, no Estado do Amazonas. Segundo este autor, esta ilha era povoada pelos valentes Tupinambá, índios que viviam na costa do Brasil e, com a chegada dos portugueses em Pernambuco, fugiram da costa para o interior do país. Ele afirma que os índios falavam a Língua Geral do Brasil, que também era corrente, naquela época, entre quase todos os nativos conquistados no Maranhão e Pará. Ainda segundo os relatos de Acuña, o número de índios que saíram de Pernambuco era tão grande que ficava difícil sustentar todos juntos, por isso, espalharam-se ao longo do caminho, deixando, assim, falantes da Língua Geral por toda extensão do caminho que eles percorreram até chegar à ilha tupinambarana (Figura 2).

Tomaram sempre à mão esquerda as faldas da cordilheira que, vindo desde o estreito de Magalhães, rodeia toda a América. E desbravando quantos rios correm dela para o oceano, chegaram alguns a encontrar-se com os espanhóis do Peru, que habitavam as cabeceiras do rio da Madeira. Com eles estiveram algum tempo, e porque um espanhol açoitou um deles que havia matado uma vaca sua, aproveitando-se da facilidade do rio, lançaram-se todos em suas correntezas, vindo a dar na ilha que atualmente habitam (ACUÑA, 1994, p.173).

Figura 2 - Migração de Grupos Tupinambá segundo Acuña



Fonte: Acuña (1994). Org. Michéli Carolíni de Deus Lima e Tiago Maiká Müller Schwade, em julho de 2014.

É no século XVIII que Portugal e Espanha disputam o território Amazônico. Por conta disso, os portugueses, que naquela época estavam presentes na região, através das missões, precisavam provar que faziam uso daquelas terras. Entretanto, no que concerne às línguas faladas na Amazônia, falava-se, prioritariamente, a Língua Geral Amazônica e não a Língua Portuguesa. Essa situação linguística “passou a ser um empecilho para a política territorial portuguesa” (CRUZ, 2011, p.9), pois a LGA, naquele momento, corroborava com a ideia de que os colonos portugueses não haviam se estabelecido naquela região. Segundo Freire (2004), para a Coroa Portuguesa consolidar as fronteiras, era necessário *portugalizar* a Amazônia. Como consequência, Marquês de Pombal, em uma carta régia de 1727, proibiu o uso da LGA nas aldeias de repartição e nas povoações, bem como instituiu que os missionários e moradores ensinassem o português aos índios (FREIRE, 2004, p.119). Em princípio, a proibição não surtiu efeitos práticos e a LGA continuou ainda sendo bastante utilizada no Grão-Pará e Maranhão. Porém, em 1750, foi instituída uma reforma político-administrativa onde mudanças significativas no sistema administrativo de Portugal ocorreram para que fosse unificada de vez a colônia portuguesa (BORGES, 1996, p.50). Algumas dessas mudanças foram: a obrigatoriedade da língua portuguesa, a substituição do índio pelo negro africano na mão-de-obra escrava no Brasil, dentre outras. Em 1757, Marquês de Pombal expulsou, do território brasileiro, os jesuítas, maiores incentivadores do uso da Língua Geral Amazônica sendo estes acusados de impedir o uso generalizado da língua portuguesa. (CRUZ, 2011, p.9) Ficava mais fácil, assim, aporuguesar a Amazônia. Entretanto, a LGA já havia sido enraizada na cultura amazônica e, apesar de sua proibição, ela continuou a ser falada pela população daquela região, ficando mais evidente longe dos centros administrativos. Contudo, apesar da resistência, esta situação acelerou o declínio desta língua.

Foi a partir do século XIX que a Língua Geral Amazônica começou a perder drasticamente sua abrangência na região. Com a imposição da língua portuguesa pelo governo português, ficava cada vez mais difícil mantê-la como língua majoritária do Grão-Pará. Além disso, foi naquele período que o Brasil se torna independente de Portugal em sete de setembro de 1822. Dessa forma, o país é dividido em duas províncias: a do Grão-Pará e Maranhão e a do Brasil. Entretanto, a primeira delas não é totalmente incorporada ao novo governo, mantendo uma ligação direta com Portugal. Contudo, no ano seguinte, é feita sua adesão ao império brasileiro, em quinze de agosto de 1823 (FREIRE, 2004, p.171). Esse cenário de mudanças políticas e administrativas teve fortes influências quanto à situação da Língua Geral Amazônica. Além das alterações feitas pelo governo, outros fatores contribuíram ainda mais

para seu declínio, como os levantes, guerras e migrações: a Cabanagem, a Guerra do Paraguai e, por conseguinte, a migração dos nordestinos para a Amazônia.

A Cabanagem⁸ (1835-1840) contribuiu para a decadência da LGA. Foi um movimento idealizado pelas camadas mais populares da região que culminou na morte de milhares de pessoas. Os cabanos, como eram conhecidos os revoltosos, eram quase todos falantes da Língua Geral Amazônica, muitos deles monolíngues. Segundo Freire (2004),

A Cabanagem talvez tenha sido a última oportunidade histórica de sobrevivência de uma sociedade tapuia falante de LGA. A derrota dos cabanos marca o início do processo de declínio de uma língua que durante dois séculos e meio se expandiu por todo o vale amazônico e, a partir da revolta, começou a perder falantes e funções (FREIRE, 2004, p.242).

Depois, a Guerra do Paraguai (1864-1870) ajudou a exterminar ainda mais a população indígena falante da Língua Geral Amazônica. Ainda segundo Freire (2004, p. 242), “foram enviados um total de 2.070 homens, dos quais 746 eram “voluntários”⁹ dos municípios do baixo Amazonas e 1.324 da província do Amazonas. Mais de 1.250 falantes de língua geral – homens, adultos, muitos deles monolíngues – ficaram sepultados em terras paraguaias”. Por conta desse abrupto declínio do número de falantes devido à Cabanagem e à Guerra do Paraguai, o Nheengatu perde mais força e espaço como língua do povo que vivia na Amazônia.

Por fim, entre 1840 até 1912, a região Amazônica viveu um dos períodos mais intensos da sua história: o ciclo da borracha. Ele teve um valor significativo para o declínio da LGA. Ela deixa de ser, definitivamente, a língua de maior abrangência da região devido à migração de muitos nordestinos, falantes exclusivamente do português, para a Amazônia. Dessa forma, a partir do século XX, os centros urbanos da região Amazônica tornaram-se, majoritariamente, monolíngue em português.

Contudo, em contrapartida ao declínio total da LGA, “surge um movimento romântico nativista que pretendia registrar a língua e as histórias tradicionais transmitidas em língua geral” (CRUZ, 2011). É neste período que alguns autores buscaram descrever suas variações. O mais significativo deles é Couto de Magalhães com seu livro *O Selvagem* (1876). Sua obra traz pela primeira vez o termo Nheengatu para representar a língua oriunda da LGA.

⁸ A cabanagem foi uma revolução de índios e mestiços na Amazônia contra o imperialismo português. Segundo Souza (2009, p. 227), foi uma guerra de libertação nacional. Provavelmente a maior que o Brasil já conheceu.

⁹ Eram, na verdade, índios capturados e levados à força, pelo governo brasileiro.

Segundo levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, há um total de 7.237 falantes da Língua Geral Amazônica, doravante Nheengatu, no Brasil, sendo a nona língua com maior número de indígena (IBGE, 2010). Deste número total de falantes, 3.771 moram em terra indígena e 3.466 residem fora de terra indígena. Sua abrangência encontra-se no Alto Rio Negro, onde é falado, majoritariamente pelos Baré, Baniwa do baixo rio Içana e pelos Warekena do rio Xié.

Estudando o Nheengatu numa perspectiva histórica, percebemos que, atualmente, ele é falado, na região do Rio Negro no Amazonas, em duas circunstâncias. A primeira delas é como segunda língua de povos que tem sua língua materna, mas se comunicam com outros povos indígenas através do Nheengatu. A segunda circunstância é a utilização do Nheengatu como primeira língua de povos que perderam sua língua de origem e adquiriram-no em substituição à língua materna tendo em vista que ele foi aprendido, por eles, como segunda língua durante a colonização da Amazônia. Freire (2008) expõe o caso da etnia Baré: “ela não tem nada a ver com os grupos tupis, é um grupo de fala Aruak, que durante décadas viveu uma situação de bilinguismo (língua baré x língua geral), mas acabou deixando de falar a língua baré, ficou monolíngue em língua geral e hoje é bilíngue (língua Geral x português). Então, hoje, a LGA ou nheengatu é uma língua de identidade dos barés. Eles dizem: “nós somos índios porque falamos uma língua que é a língua geral””. Em algumas regiões de São Gabriel da Cachoeira/Amazonas, o Nheengatu é falado como língua materna, caracterizado pelo seu uso em atividades diárias destas comunidades. O português é, com certeza, a segunda língua deles. Com isso, apesar de ser usado num espaço geográfico muito menor do que era antes, o Nheengatu nos traz novas reflexões quanto ao uso desta língua. Segundo Borges (1996), “Do tupinambá ao Nheengatu, passou-se de uma língua de índio para língua de branco. Atualmente, há um novo ciclo discursivo para o Nheengatu: o retorno à categoria de “língua de índio”. Por isso, é importante desenvolver novos estudos linguísticos que possam auxiliar os povos falantes desta língua que buscam, no Nheengatu, uma forma de firmar sua identidade cultural e étnica.

A partir deste breve relato histórico, podemos perceber como o Nheengatu está, intrinsecamente, ligado à história da colonização da Amazônia. Segundo Borges (1996), o Nheengatu continua resistindo como símbolo de uma identidade amazônica. Assim, estudar toda sua mudança enquanto língua, dentro de uma perspectiva historiográfica, nos faz refletir, também, sobre sua importância na cultura dos povos da região Amazônica.

1.2. Os registros escritos: raízes da emergência do Nheengatu

Se analisarmos os documentos que registram a língua Tupinambá nos séculos XVI e XVII, concluiremos que seus estudiosos eram os padres (na maioria jesuítas) que vinham para o Brasil com a finalidade de catequizar os nativos. O Pe. José de Anchieta com o livro *Arte da Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* de 1595 e o Pe. Luís Figueira com a *Arte da gramática da Língua Brasileira* de 1621, ambos jesuítas, descreveram a língua gramaticalmente. Esse material era usado por religiosos que chegavam ao Brasil e precisavam aprender a língua. Há ainda outro livro, *Vocabulário da Língua Brasileira* publicado em 1938 sob a supervisão de Plínio Ayrosa. Trata-se de um dicionário Português-Tupi compilado pelos missionários jesuítas no século XVI. Ainda neste período, temos outras publicações que também tratam dessa língua, escritas pelo Pe. Antônio de Araújo, *Catecismo na Língua Brasileira* de 1618 e pelo Pe. João Filipe Bettendorf, *Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasileira* de 1800, além da *Doutrina Christã em lingual geral dos Índios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Phelippe Bettendorff traduzida em lingoa irregular, e vulgar uzada nestes tempos*¹⁰, do mesmo autor. Porém, elas são de cunho religioso, descrevem os rituais católicos na Língua Geral Brasileira. O interessante desses dois últimos autores é que eles, já no século XVII, registram as modificações da língua. Perceberam a diglossia¹¹ que havia com o material descrito pelos Pe. Anchieta e Figueira e a língua falada diariamente quando escreveram seus catecismos. Tanto Araújo quanto Bettendorf registraram essas mudanças em seus escritos.

No século XVIII, ainda são os padres que escrevem na Língua Geral Amazônica. Vale ressaltar também que a língua, neste século, é pouco estudada em relação aos demais, tendo em vista a proibição da LGA por Marquês de Pombal. Há registro quanto à estrutura da língua: *Gramática da Língua Geral do Brasil* e *Dicionário da Língua Geral do Brasil*¹². Ambos possuem autores anônimos. Para alguns estudiosos como Edelweiss (1969) e Monserrat (2003), há dúvidas quanto ao período exato em que eles foram escritos bem como a autenticidade do conteúdo, podendo ser apenas cópias reeditadas de materiais já impressos

¹⁰ Códice n. 1.089. Manuscrito da Universidade de Coimbra, escrito em tupi, parcialmente traduzido ao latim, com apresentação inicial em português. A Biblioteca Nacional possui cópia microfilmada (Monserrat, 2003).

¹¹ Situação linguística em que duas ou mais línguas são utilizadas no mesmo terreno geográfico de modos diferentes e desempenhando papéis sociais diferentes, por exemplo, sendo uma utilizada para o ensino, religião e governo e a outra ao nível das interações familiares. (Dicionário de Termos Linguísticos da Associação de informação Terminológica (AiT), disponível na página da associação na internet em formato pdf.)

¹² Códices n. 69 e 81, respectivamente. Manuscritos da Universidade de Coimbra.

anteriormente. Segundo Edelweiss (1969, p.146), “o autor [da gramática] parece ter trabalhado sempre à vista dos velhos compêndios clássicos”. Sobre o dicionário, o mesmo autor descreve que:

o resultado dessa verificação no códice 81, confrontado com a sua data, a mais recente dentre as consignadas em manuscritos brasileiros, impõe a seguinte alternativa à conclusão: ou o códice 81 é cópia remaniada de resenha mais antiga o seu autor o confeccionou em íntima convivência com índios tupis aculturados, de linguagem ainda mais próxima ao tupi do que a população mestiça em geral. (EDELWEISS, 1969 p. 155)

Já Monserrat (2003, p.186) afirma que as duas páginas finais não são numeradas e possuem letra diferente utilizada no resto do manuscrito. Outra obra que descreve a estrutura da Língua Brasílica no século XVII é *Specimen Linguae Brasilicae Vulgaris* do Pe. Anselmo Eckart, publicado em 1890. Ele, ainda, escreve uma gramática apontando as mudanças ocorridas na Língua Geral Amazônica. E, assim como Bettendorff, do século XVII, ele, também, denomina esta “nova” língua como “vulgar”, fazendo uma relação com a situação vivida pelo Latim. Temos, ainda, a obra do Pe. João Daniel que escreveu *Tesouro Descoberto do Máximo Rio Amazonas* baseado em suas experiências na Amazônia no século XVIII. Este livro retrata, com detalhes, como a vida naquela região funcionava, comentando tanto a vida dos índios que já ali habitavam como também a vida dos portugueses que ali chegavam para a colonização, sendo assim, uma importante referência para este século quanto ao estudo do Nheengatu. Diferente dos livros anteriores, O *Tesouro Descoberto do Máximo Rio Amazonas* traz um relato sobre a Língua Geral e não uma descrição estrutural. Ele também retrata a diglossia.

Porém, como os primeiros, e verdadeiros tupinambás já quase de todo se acabaram, e as missões se foram restabelecendo com outras mui diversas nações e línguas, se foi corrompendo de tal sorte a língua geral tupinambá, que hoje são raros os que a falam com a sua nativa pureza, e vigor; de sorte que já os mesmos índios não percebem o catecismo, nem os que estudam a arte se entendem com os índios especialmente no Amazonas, com muitas vezes têm experimentado, e confessado os mesmos missionários, e índios, de [tal] sorte está viciada e corrupta que parece outra língua diversa; mas a qual é a que se usa em todas as missões portuguesas do Amazonas, e a que aprendem as novas nações que vão saindo dos matos, e a que estudam os missionários brancos que tratam com índios não como regras, e preceitos da arte, mas pelo uso e trato dos mesmos índios (DANIEL, 2004, p.334).

Os séculos seguintes, do XIX até os dias atuais, representam uma nova perspectiva nos estudos do Nheengatu. O foco dos estudiosos era descrevê-la não apenas como instrumento de catequização, mas sim como língua de comunicação entre os povos indígenas. Dessa forma, já não são somente os padres que a estudam. Agora podemos encontrar registros feitos, por exemplo, por geólogos, como Charles Hartt que escreveu *Notas sobre o Tupi geral ou Tupi moderno do Amazonas* (1938); gerais como Couto de Magalhães com seu livro *O Selvagem* (1876); funcionário público da Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, como Luiz Sympson (1876) com *Gramática da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheengatu)*. O interesse pelo registro do Nheengatu cresce, significativamente, nos últimos anos. A obra de Hartt analisa não só a estrutura da língua tupi, que ele chama de moderno, mas também sua relação com o tupi falado anteriormente e descrito pelos jesuítas que estiveram no Brasil na época da colonização, tanto que no título ele faz a relação entre Tupi antigo e moderno, indicando o estudo das mudanças quanto ao uso da língua. Atualmente, o trabalho de Hartt é muito citado pelos estudiosos, pois se caracteriza como pesquisa científica, diferentemente de alguns autores da primeira fase dos estudos do tupi que analisavam a língua para catequizar. É no livro do general Couto de Magalhães (1876) que surge, pela primeira vez, o termo Nheengatu, como já citado anteriormente:

Tupi era o nome de uma tribo que, ao tempo da descoberta, denominava grande parte da costa. Se dissermos a qualquer índio civilizado do Amazonas: “fale em língua tupi”, - ele não entende o que lhe queremos dizer. Para que ele entenda, que queremos que ele se expresse na sua própria língua, mister é dizer-lhe: *Renhehen nhehengatú rupí*, lit: fale língua boa, isto é: fale pela língua boa. Estes fatos fizeram-me adotar os vocábulos *Ava nhehen* e *nhehengatú* para exprimir, o primeiro, a língua guarani; o segundo, a língua tupi. (MAGALHÃES, 1876, p.38 e 39).

Como militar, ele já deixa claro no início da sua obra que a escreve por ordem do governo para que seja usado como preparatório para o aproveitamento tanto do “selvagem”, no caso o índio, quanto do solo brasileiro ocupado por nativos. O livro era composto por um curso da língua geral, segundo Ollendorf, ou Curso de Língua Tupi Viva ou Nheengatu que traz um resumo das regras gramaticais, uma parte prática dividida em lições, exercícios e algumas lendas tupi para servirem de método de educação intelectual ou elemento linguístico. A segunda parte, intitulada de Origens, Costumes e Região Selvagem, é uma reprodução da memória que o autor fez, de um texto publicado pelo Instituto Histórico intitulado de Regiões e Raças Selvagens, para dar subsídios aos que queiram continuar os estudos sobre esta língua.

Já Luiz Sympson, membro da Assembleia Legislativa Provincial do Amazonas, tinha interesse em estudar a língua que ele escutava quando criança na Vila da Barra do Rio Negro (cidade de Manaus atualmente). Ele costumava ouvir quando menino a Língua Brasília Geral na província onde morava e que, por conta do convívio, aprendeu a falar. Durante algum tempo, colecionou vocábulos que já sabia bem como as palavras que aprendeu em seus estudos para, em 1876, montar um opúsculo gramatical, uma espécie de livro sobre a Língua Brasília postulada em forma de gramática. Para Sympson, a Língua Brasília Geral, como ele a chamava, não era uma língua inventada pelos jesuítas, nem uma língua artificial do Tupi. Era o Tupi legítimo repleto de vocábulos, fácil de compreensão e digna de ser falada por todos os brasileiros.

Diversas obras tratam da Língua Geral Amazônica focalizando as mudanças que ela sofreu ao longo do tempo. Os estudiosos mais recentes pesquisam não somente a Língua diacronicamente, mas sincronicamente também. Gerald Taylor (1985), Aryon Dall’Igna Rodrigues (1959 e 2002), Luiz Carlos Borges (1991), Navarro (1999 e 2011) são alguns pesquisadores que estudaram o Nheengatu dentre tantos outros. Um dos estudos mais recentes e significativos é o registro moderno do Nheengatu na região do Alto Rio Negro, intitulado de *Fonologia e Gramática do Nheengatú: a língua mais falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa*, apresentada como tese de doutorado de Aline da Cruz em 2011. Ela propõe uma descrição dessa língua, denominada, pela autora, como a variedade moderna da Língua Geral Amazônica. Os capítulos são divididos em três grandes partes, contemplando a Fonologia, a Morfologia e a Sintaxe da língua. Esta descrição proposta por Cruz acrescenta, de forma mais científica, informações relevantes para os estudos do Nheengatu.

A título de compilação cronológica, apresentamos um quadro sintético de algumas obras desde a Língua Tupinambá até o surgimento do Nheengatu.

Quadro 1 - Cronologia de alguns registros escritos do Tupinambá até o Nheengatu

Tempo	Obra	Autor	Data
Século XVI	Arte da Grammatica da Língua mais Usada na Costa do Brasil	Pe. José de Achieta	Publicada em 1595.
	Vocabulário da Língua Brasília	Anônimo	Compilado pelos missionários jesuítas nesse período, mas

			publicado em 1938.
Século XVII	Catecismo na Língua Brasílica	Pe. Antônio de Araújo	1ª. impressão em 1618
	Arte da Gramática da Língua Brasílica	Pe. Luíz Figueira	1ª. impressão em 1621.
	- Compêndio da Doutrina Christã na Língua Portuguesa e Brasílica - Doutrina Cristã em Língua geral dos Índios do Estado do Brasil e Maranhão, composta pelo P. Filippe Bettendorf traduzida em Língua irregular e vulgar usada nestes tempos.	Pe. João Filippe Bettendorf	1ª. edição em 1687. Não-datado.
Século XVIII	Dicionário Português e Brasileiro	Anônimo	1ª. edição 1795.
	Gramática da Língua Geral do Brasil	Anônimo	Sem data exata.
Século XVIII	Tesouro Descoberto no máximo rio Amazonas	Pe. João Daniel	Escreveu depois de ser expulso do Brasil e preso em Portugal entre 1757-1776.
	Specimen Linguae Brasilicae	Pe. Anselmo Eckart	Escrito nesse período mas publicado em 1890.
Século XIX	Notas sobre o Tupi geral ou Tupi moderno do Amazonas	Charles Hartt - Professor de geologia	1ª. impressão em 1872.
	O Selvagem	General Couto de Magalhães	Publicada em 1876.

	Gramática da Língua Brasileira (Brasílica, Tupi ou Nheengatu)	Luiz Sympson - Funcionário Público	Publicado em 1876.
	- Poranduba Amazonense	João Barbosa Rodrigues	1890
	- Vocabulário indígena comparado para mostrar adulteração da língua		1892
Século XX - dias atuais	Gramática da Língua Tupi	Pe. Tastevin	Publicada em 1910 em francês e 1923 em português.
	Vocabulário da Língua Geral Português – Nheengatu e Nheengatu – Português	Ermanno Stradelli	1928
	Curso do Tupi Antigo: gramática, exercícios e textos	A. Lemos Barbosa	1956
Século XX - dias atuais	- Phonologie der Tupinambá-Sprache.	Aryon Dall’Igna Rodrigues	1959
	-Línguas Brasileiras: para o conhecimento das Línguas Indígenas		2002
	- Aspectos da história das línguas indígenas da Amazônia		2004
	Apontamentos sobre o Nheengatu falado no Rio Negro	Gerald Taylor	1985
	- A Língua Geral Amazônica: aspectos de sua fonêmica	Luiz Carlos Borges	1991
	- Nheengatu: uma língua amazônica		1996
	Nheengatu (LGA), its history, and the effects of language contact	Denny Moore, Nádia Pires e Sidney	1990/1993

	Facundes	
- Método Moderno de Tupi Antigo: a língua do Brasil dos primeiros séculos	Eduardo de Almeida Navarro	1999 (2ª. edição)
-Curso de Língua Geral (Nheengatu ou Tupi Moderno): A língua das origens da civilização Amazônica.		2011
Fonologia e Gramática do Nheengatu: a língua falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa.	Aline Cruz	2011
Yupinima Rupiaita Yenga Yengatu Kuiriwara	Produzido pelos estudantes da Licenciatura Indígena Políticas Educacionais e Desenvolvimento Sustentável - Polo Nheengatu/UFAM. Organizado por Pachêco, F. B. ; Liberato, D. P. ; Schwade, M. A. ; Oliveira, G. M.	2012
YEGATÚ RESEWÁ: Yega, Yubuesa Idijina	Produzido pelos estudantes da Licenciatura Indígena Políticas Educacionais e	2012

		Desenvolvimento Sustentável - Polo Nheengatu/UFAM. Organizado por: Schwade, M. A. ; Oliveira, G. M.	
--	--	--	--

Fonte: Autoria própria.

A partir desses registros, percebermos que o Nheengatu sempre instigou estudiosos e pesquisadores. Este interesse ajudou a registrar não somente as línguas (ou suas variantes) que antecederam o Nheengatu, mas também o processo de colonização da Amazônia, colocando a língua como fator determinante para a ocupação desta região.

2. DESCRIÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS

Segundo Cagliari & Massini-Cagliari (2007, p.105), “A Fonética e a Fonologia são áreas da Linguística que estudam os sons da fala. Por terem o mesmo objeto de estudo, são ciências relacionadas. No entanto, esse mesmo objeto é tomado de pontos de vista diferentes”. A Fonética tem por objetivo descrever os sons da fala explicitando os mecanismos e processos que estão envolvidos na produção da fala, enquanto que a Fonologia é responsável por interpretar os sons descritos pela fonética em função dos sistemas de sons das línguas e dos modelos teóricos que possam descrevê-los. Cagliari (2002, p.18) reafirma que a fonética descreve o que acontece quando um falante fala, enquanto que a fonologia deseja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua deste falante.

Callou & Leite (1995) completam que, ao descrever os sons da linguagem, a fonética analisa suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas. A fonologia, por sua vez, estuda as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, vinculam a diferença de significação, estabelecem como os elementos de diferenciação se relacionam entre si e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases. Dessa forma, a fonética tem por unidade o fone, o som da fala e a fonologia tem o fonema como unidade.

Neste capítulo, apresentamos a descrição dos fones da variante do Nheengatu do Rio Andirá, as tabelas e as descrições dos fones consonantais e vocálicos. Os fones consonantais foram organizados conforme o modo e o ponto de articulação, enquanto os fones vocálicos foram ordenados pela altura e posição, sendo descritos primeiramente os fones orais, depois os nasais e, finalmente os longos. Vale ressaltar ainda que foram utilizados como base para esta descrição o Alfabeto Fonético Internacional que nos possibilitou as transcrições fonéticas.

A análise fonêmica é baseada nos princípios de contrastes em ambiente idêntico ou análogos, distribuição complementar e variação livre, descritos por Pike (1947) e Gleason (1978).

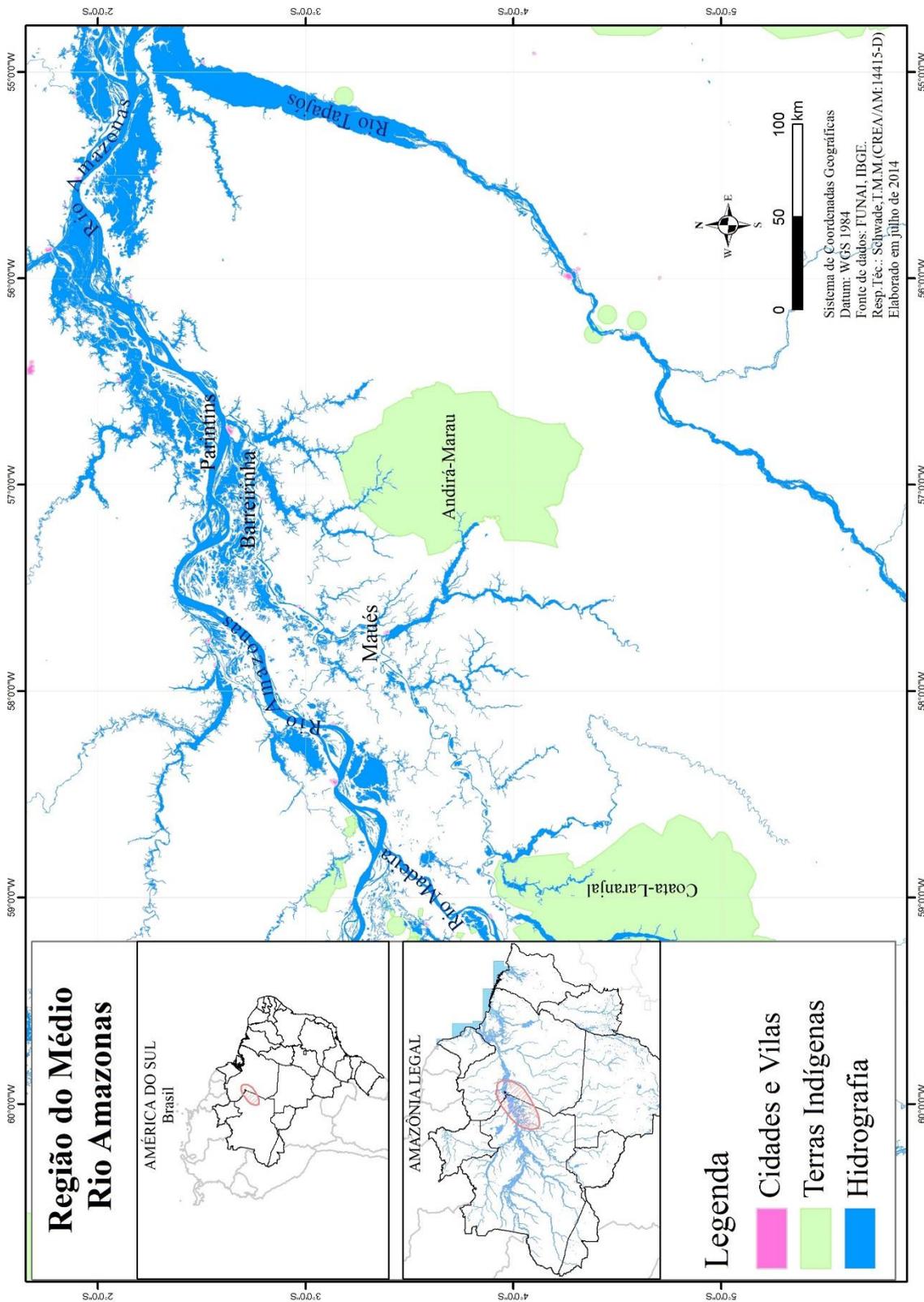
2.1. Trabalho de Campo

A pesquisa abrange a região do Médio Rio Amazonas, mais precisamente os municípios de Parintins e Barreirinha no Estado do Amazonas, como já mencionado anteriormente.¹³ Para este estudo, estamos considerando como Região do Médio Amazonas a área entre a desembocadura dos rios Madeira e Tapajós, por se tratar de uma área com influência política e social dividida entre as cidades de Manaus e Santarém, ao mesmo tempo em que se apresenta como centro cultural relativamente autônomo. Além disso, regionalmente, considera-se a formação do rio Amazonas a partir do encontro entre o rio Negro e o rio Solimões, o que ocorre na altura da cidade de Manaus, e não na Cordilheira dos Andes. Essa compreensão vai ao encontro da teoria do geógrafo Haesbaert (2010), da região como artefato, que considera importante no processo de regionalização um equilíbrio entre os interesses da pesquisa e as relações territoriais de sua população. Por conta disto, decidimos utilizar o termo Médio Rio Amazonas para designar a nossa área de pesquisa. (Figura 2)

No início deste trabalho, foi feita a primeira visita aos falantes de Nheengatu do Médio Rio Amazonas. Nossos informantes e colaboradores fazem parte de uma mesma família, todos são nascidos na região e aprenderam, como língua materna, a Língua Geral Amazônica. São cinco irmãos: três homens e duas mulheres. Um casal de irmãos mora em Parintins, outro casal em Barreirinha e um irmão mora na comunidade Nova Sateré no Rio Andirá. Três homens estavam presentes no primeiro encontro, ocorrido na cidade de Parintins, local de residência de um deles. Conversamos pouco sobre a origem da família e coletamos alguns dados para a descrição fonética e análise fonológica. Durante a coleta de dados, os falantes nos informaram que a família tem origem na região do rio Andirá. A mãe deles, dona Ducira Nogueira dos Santos, era falante de Nheengatu e Sateré-Mawé. Porém, sua língua materna era o Nheengatu e foi esta língua que ela passou para os filhos. Segundo os colaboradores, até a morte da mãe, os irmãos viviam mais perto e comunicavam-se, entre si, utilizando o Nheengatu. Foi somente em 2003, após a morte de dona Ducira, aos 94 anos, que eles deixaram de usar o Nheengatu diariamente.

¹³ Taylor (1985, p.3), ao mencionar a existência de outras variantes do Nheengatu, utiliza o termo 'Baixo Amazonas' para designar a mesma região que denominamos, neste trabalho, de Médio Rio Amazonas.

Figura 3 - Região do Médio Rio Amazonas



Organização: Tiago Maiká Müller Schwade, 2014.

Da nossa primeira coleta de dados, há, aproximadamente, quatro horas e quinze minutos de gravação que foram coletados em cinco dias. Neste tempo, fizemos um levantamento da situação familiar dos colaboradores; origem, usos do nheengatu em situação familiar, utilização da língua durante e depois da morte da mãe, entre outras situações. Fizemos a coleta de dados para a descrição fonética e análise fonológica do Nheengatu. Utilizamos os questionários lexicais e gramaticais de Kaufman & Berlin (1987) para a segunda parte do trabalho. Na primeira viagem a campo, optamos por fazer as gravações com os falantes em sessões coletivas de coleta de dados, isso se deu por solicitação dos próprios colaboradores que já não usavam a língua cotidianamente e assim, ficaria mais fácil lembrar a história da família bem como das palavras requisitadas. À medida que algum deles não lembrava determinado léxico, os outros lembravam e, em conjunto, eles confirmavam o item em Nheengatu. Vale ressaltar que, quando havia certeza, pedíamos que cada um deles repetisse a palavra, gravando assim, a realização de todos os informantes.

Uma segunda viagem para coleta e confirmação de dados foi realizada também em Parintins com o informante que mora na cidade. Os demais informantes não puderam estar presentes nesta etapa. Gravamos em torno de uma hora e vinte minutos. Neste encontro, confirmamos as transcrições fonéticas feitas a partir da coleta de dados do primeiro encontro, gravamos alguns outros vocábulos que não estavam na primeira lista e coletamos algumas sentenças para que observássemos a estrutura interna dos sons.

A seguir, temos a descrição dos fones consonantais e vocálicos da variante do Nheengatu do Rio Andirá. Esta descrição é sequência do nosso trabalho de campo.

2.2. Fones Consonantais

A variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas registra 18 sons consonantais classificados a partir do modo de articulação (oclusiva, nasal, tepe, fricativa e aproximantes) e do ponto de articulação (bilabial, labiodental, alveolar, pós-alveolar, palatal, velar e glotal), conforme indicados no quadro abaixo:

Quadro 2 - Fones Consonantais

	Bilabial	Labio-dental	Alveolar	Pós-alveolar	palatal	velar	glotal
Oclusiva	p b		t d			k g	ʔ
Nasal	m		n		ɲ		
Tepe			r				
Fricativa		v	s	ʃ ʒ			h
Aproximantes	w				j		

Fonte: A autoria própria baseado no modelo do IPA (2005).

A apresentação dos fones consonantais seguirá a sequência do modo de articulação. Entretanto, separamo-nos em fones surdos e sonoros.

2.2.1. Oclusivas

Os fones oclusivos surdos realizam-se quanto ao ponto de articulação como bilabial [p], alveolar [t] e velar [k]. Ocorrem em *Ataque* silábico. Somente o velar [k] ocorre também em *Coda* silábica.

(1) [p]

- a. [ku'pɪdu] Capivara
- b. [pɑ'kɔva] Banana
- c. [sapu'kaja] Galinha

(2) [t]

- a. [tata'tʃĩ] Fumaça
- b. [pu'tira] Flor
- c. [pu'têma] Tabaco

(3) [k]

- a. [kɪwa] Piolho
- b. [tape'kũ] Abanador
- c. [i'pekʔ] Pato
- d. [musik'pɪri] Três

Os fones oclusivos sonoros realizam-se quanto ao ponto de articulação como bilabial [b], alveolar [d], velar [g] e glotal [ʔ]. Eles ocorrem em *Ataque* de sílaba.

(4) [b]

- | | |
|------------------------|----------|
| a. [b ^h ʒi] | Jamaru |
| b. [bu'ɛ] | Rã |
| c. [fibu'i] | Lombriga |

(5) [d]

- | | |
|--------------------------|-----------|
| a. [pĩ ^h daʊ] | Babaçu |
| b. [ʒã ^h du] | Bicho-pau |
| c. [ku'pidu] | Capivara |

(6) [g]

- | | |
|--------------------------|--------|
| a. [ĩ ^h gari] | Cantar |
| b. [g ^h ara] | Canoa |

(7) [ʔ]

- | | |
|-----------------|-----------|
| a. [tariʔira] | Traíra |
| b. [bakabaʔiwa] | Bacabeira |

2.2.2. Nasais

Os fones nasais [m], [n] e [ɲ] realizam-se, respectivamente, quanto ao ponto de articulação como bilabial, alveolar e palatal. Ocorrem todos em *Ataque* de sílaba em início e meio de palavra.

(8) [m]

- | | |
|--------------|------------|
| a. [mu'ka] | Espingarda |
| b. [mapu'fĩ] | Animal |
| c. [mĩ'ra] | Pessoa |
| d. [me:'rũ] | Mosca |

- | | |
|------------------------|---------|
| e. [uru'pẽ ma] | Peneira |
| f. [a' m ãna] | Chuva |
| g. [kuru' m ĩ] | Menino |

(9) [n]

- | | |
|-----------------------|-----------|
| a. [n u'pa] | Morro |
| b. [n eku'ẽ] | Bom Dia |
| c. [n eka'ru] | Boa Tarde |
| d. [n epu'tũ] | Boa Noite |

- | | |
|--|----------|
| e. [pi' n ã] ~ [pi' na] | Anzol |
| f. [ma ni'ok'] | Mandioca |
| g. [wara' na]~[warã'nã] | Guaraná |

(10) [ɲ]

- | | |
|--------------------|---------|
| a. [ɲõ'ɔ] ~ [jõ'ɔ] | Aquilo |
| b. [kã:ɲa]~[kã:ja] | Pimenta |
| c. [pẽ ɲe] | Vocês |
| d. [kuɲã] | Mulher |
| e. [kuɲãtã] | Menina |

2.2.3. Tepe

O fone consonantal tepe alveolar [r] ocorre em *Ataque* silábico, não havendo realização em *Coda* silábica.

(11) [r]

- | | |
|--------------------------|---------|
| a. [uru'pẽ r ma] | Peneira |
| b. [tari'ɾ r ira] | Traíra |
| c. [' r ira] | Mel |
| d. [pu't r ira] | Flor |

2.2.4. Fricativa

As fricativas surdas [s] e [ʃ] realizam-se, respectivamente, quanto ao ponto de articulação como alveolar e pós-alveolar. Ocorrem em *Ataque* de sílaba.

- (12) [s]
- | | |
|----------------|---------|
| a. [sapu'kaja] | Galinha |
| b. [si'ai] | Suor |
| c. [su'pi] | Sim |
| e. [iwe'sɛ] | Ralador |
| f. [ju'sara] | Coçar |
| g. [taja'su] | Porco |

- (13) [ʃ]
- | | |
|--------------------------|----------|
| a. [ʃibu'i] | Lombriga |
| b. [pi'ʃãnu] ~ [pi'ʃãna] | Gato |
| c. [i'ʃɛ] | Eu |

A fricativa sonora [v] realiza-se como labiodental quanto ao ponto de articulação. Assim como as surdas, ela também ocorre em posição de *Ataque* de sílaba, não apresentando *Coda* silábica.

- (14) [v]
- | | |
|--------------|--------|
| a. [a'vi] | Agulha |
| b. [pa'kɔva] | Banana |
| c. [wavi'ru] | Rato |

Já a fricativa sonora [ʒ] realiza-se como pós-alveolar quanto ao ponto de articulação, ocorrendo em posição de *Ataque Silábico*.

- (15) [ʒ]
- | | |
|-------------------|-----------|
| a. [iʒe] ~ [iʒeh] | Machado |
| b. [ʒura'ra] | tartaruga |

c. [ta'ʒa] Taioba

Há ainda a fricativa sonora glotal [h] que ocorre, apenas, em Coda silábica.

(16) [h]

a. ['baʰʒi] Jamuru

b. [iʒe] ~ [iʒeʰ] Machado

2.2.5. Aproximantes

A aproximante bilabial [w] ocorre em posição de *Ataque Silábico* no início palavras.

(17) [w]

a. [wa'riba] ~ [wa'riwa] Guariba

b. [wira'wa'su] ~ [wira'wa'su] Gavião real

c. [wasa'i] Açaí

A aproximante palatal [j] ocorre também em posição de *Ataque Silábico* no início de palavras.

(18) [j]

a. [ja'pũna] Forno

b. [ja'si] Lua

c. [ju'sara] Coceira

2.3. Fones Vocálicos

O Nheengatu do Médio Rio Amazonas apresenta 16 fones vocálicos, descritos a partir de sua altura (Alto, Médio-fechado, Médio-aberto, Baixo), sua posição (anterior, central e posterior) e formação dos lábios (não-arredondado e arredondado). Abaixo, segue o quadro dos fones vocálicos.

Quadro 3 - Fones Vocálicos

	Não - Arredondado						Arredondado		
	Anterior			Central			Posterior		
	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa
Alto (fechado)	i	ĩ	ĩ:	ɨ		ɨ:	u	ũ	
Médio fechado	e	ẽ					o	õ	
Médio Aberto	ɛ						ɔ		
Baixo (aberto)				a	ã	ã:			

Fonte: Autoria própria baseado no modelo do IPA (2005).

Apresentaremos, a seguir, a distribuição dos fones vocálicos agrupados pela altura e ordenados como orais, nasais e longos.

2.3.1. Vogais Altas

Os fones altos orais realizam-se quanto à posição e ao arredondamento como: anterior não-arredondado [i], central não-arredondado [ɨ] e posterior arredondado [u]. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final.

(19) [i]

- | | |
|-------------------------|----------|
| a. [i'ra] | Abelha |
| b. [i'sãma] | Corda |
| c. [i'ta] | Pedra |
| d. [ta'siwa]~ [ta'siwa] | Formiga |
| e. [ku'pidu] | Capivara |
| f. [supi'a] | Ovo |
| g. [a'vi] | Agulha |
| h. [wasa'i] | Açaí |
| i. [u'i] | Farinha |

(20)	[i]	
a.	[i'pek ^ɿ]	Pato
b.	[kiwa]	Piolho
c.	[mira'para]	Arco
d.	[ta'siwa]~[ta'siwa]	Formiga
e.	[su'kiri]	Azul / Verde
f.	[apiga]	Homem
g.	[a'i]	Bicho preguiça
h.	[pi]	Pé
i.	[ja'si]	Lua
(21)	[u]	
a.	[uru'a]~ [uru'wa]	Caracol
b.	[bu'ε]	Rã
c.	[ʒura'ra]	Tartaruga
d.	[aku'tfi]	Cotia
e.	[sa'uba]	Saúva
f.	[ʃibu'i]	Minhoca
g.	[tei'u]	Calango
h.	[piʃanu]	Gato
i.	[taja'su]	Porco

Os fones vocálicos nasais distinguem-se de seus correlatos orais pelo traço de nasalidade. Realizam-se, respectivamente, quanto à posição e formação dos lábios como: anterior não-arredondada [ĩ], posterior arredondada [ũ]. Não encontramos ocorrência da central não-arredondada [ɨ].

(22) [ĩ]: Ocorre como núcleo de sílaba inicial e final.

- | | |
|--------------|--------|
| a. [pĩdau] | babaçu |
| b. [ĩgari] | cantar |
| c. [ʒabu'tĩ] | Jabuti |
| d. [maruĩ] | Meruim |
| e. [tĩ] | Nariz |

(23) [ũ]: Ocorre como núcleo de sílaba medial e final.

- | | |
|--------------|----------|
| a. [ja'pũna] | Forno |
| b. [kamũ'tĩ] | Pote |
| c. [me:'rũ] | Mosca |
| d. [ʒuru'mũ] | Abóbora |
| e. [tape'kũ] | Abanador |

Encontramos apenas uma ocorrência quanto aos fones longos, [ĩ:] e [i:]. Eles realizam-se quanto à posição e ao arredondamento como seus correlatos não-longos.

(24) [ĩ:]: ocorre apenas como núcleo de sílaba final.

- | | |
|--------------|-------|
| a. [kupĩ:'ĩ] | Cupim |
|--------------|-------|

(25) [i:]: ocorre apenas como núcleo de sílaba medial.

- | | |
|---------------|-------|
| a. [tu'mi:ra] | Pulga |
|---------------|-------|

2.3.2. Vogais Médias

Os fones vocálicos orais médios podem ser fechados e abertos. Todos eles realizam-se quanto à posição e a formação dos lábios.

Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, há o fone médio fechado [e] classificado como anterior e não arredondado. Ele ocorre em núcleo em sílaba inicial e medial. Quanto ao fone médio fechado [o], são raras as ocorrências, restringindo-se apenas sílabas átonas.

- (26) [e]:
- | | |
|--------------|----------|
| a. [pe'tũ] | Noite |
| b. [pe'ɲɛ] | Vocês |
| c. [se'mẽ] | Beijo |
| d. [tape'kũ] | Abanador |
| e. [supe'ta] | Tronco |
- (27) [o]:
- | | |
|-------------|---------|
| a. [o'kena] | Porta |
| b. [po'sã] | Remédio |

Quanto aos fones médio-abertos, há ocorrência de [ɛ] classificado como anterior não-arredondado e [ɔ] classificado como posterior arredondado. Ambos ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final.

- (28) [ɛ]:
- | | |
|--------------------|---------|
| a. [pe'pɔ]~[pe'pɔ] | Asa |
| b. [pɛ] | Caminho |
| c. [je'pe]~[we'pe] | Um |
| d. [pi'rɛra] | Pele |
| e. [iwɛ'sɛ] | Ralador |
| f. [i'wɛra] | Coxa |
| g. [pura'kɛ] | Poraquê |
| h. [bu'ɛ] | Rã |
- (29) [ɔ]:
- | | |
|-----------|-------|
| a. [bɔja] | Cobra |
| b. [ɔka] | Casa |

c. [pa'kɔva]	Banana
d. [taʒa'fɔba]	Taioba Branca
f. [pe'pɔ]~[pe'pɔ]	Asa
g. [pu'pɔ]	Pena

Há ainda os fones vocálicos médios-fechados nasais. O [ẽ] é classificado como anterior não arredondado e o [õ] como posterior arredondado.

(30) [ẽ]: ocorre como núcleo em sílaba medial e final.

a. [pu'tẽma]	Tabaco
b. [uru'pẽma]	Peneira
c. [se'mẽ]	Beijo
d. [neku'ẽ]	Bom Dia

(31) [õ]: ocorre apenas como núcleo em sílaba final.

a. [tu'mõ]	Saliva
b. [se'mõ]	Irmão

2.3.3. Vogais Baixas

O fone vocálico oral baixo realiza-se quanto à posição e ao arredondamento como central e não arredondada [a]. Ocorre como núcleo em sílaba inicial, medial e final.

(32) [a]:

a. [apekũ]	Língua
b. [a'vi]	Agulha
c. [ka'ʔa]	Mato
d. [iaki]	Céu
e. [iperapi'ta]	Calcanhar
f. [sapu'kaja]	Galinha

g. [supi'a]	Ovo
h. [patʃi'a]	Peito
i. [ku'a]	Quadril

O fone nasal [ã] realiza-se quanto à posição como seu correlato oral. Ocorrem como núcleo em sílaba inicial, medial e final.

(33) [ã]:	
a. [ʒãdu]	Bicho pão
b. [ãdi'ra]~[ãde'ra]	Morcego
c. [kãwera]	Osso
d. [ari'rãba]	Martim-pescador
e. [puãpe]	Unha
f. [amãna]	Chuva
g. [puruã]	Umbigo
h. [wara'nã]	Guaraná
i. [a'kã]	Cabeça

Por fim, há uma ocorrência do fone vocálico baixo não-arredondado nasal e longo. Ocorreu como núcleo em sílaba inicial.

(34) [ã:]	
a. [kã:ja]~[kã:pa]	Pimenta

Ao fazermos a descrição fonética, encontramos um total de dezoito sons consonantais e quinze sons vocálicos. Para cada um desses fones, apresentamos exemplos que demonstravam suas realizações em palavras. Munidos destes dados, iniciamos nossa análise fonêmica.

2.4. Análise Fonêmica

Para análise dos segmentos do Nheengatu, variante do Médio Rio Amazonas, utilizamos os procedimentos de análise fonológica descritos por Pike (1947) e Gleason (1978). Eles seguem os critérios de análise de sons semelhantes para que se encontre contraste em ambientes idênticos ou análogos, seguidos da distribuição complementar e variação livre. Com esses procedimentos, poderemos definir os fonemas consonantais e vocálicos.

Ao analisarmos os sons, agrupamo-nos quanto à sua similaridade, ou seja, foneticamente similares. Assim, podemos identificar os fonemas a partir de contrastes ocorridos em ambientes idênticos, quando dois fones diferentes ocorrem em um mesmo ambiente, mas possuem distinção de significado entre estes dois vocábulos, ou em ambientes análogos, quando dois fones diferentes ocorrem em ambiente fonético suficientemente similar, mas não idêntico, ressaltando que a diferença existente entre eles não seja decorrente de sons adjacentes. Ao contrastarmos esses fones em ambientes idênticos ou análogos, buscamos definir, pela diferença entre os fones, os fonemas dessa língua lembrando que a diferença entre as palavras deve ser mínima e que elas precisam ter significado diferentes.

O próximo critério de análise é a distribuição complementar: dois sons são mutuamente exclusivos quando um deles acontece em um ambiente fonético onde o outro nunca vai acontecer. Já a variação livre acontece quando dois fones ocorrem livremente em ambientes semelhantes sem causar distinção de significado, como acontece com o critério de contraste. Porém, as variantes livres são pertencentes a apenas uma unidade fonológica, de acordo com Gleason (1978, p.297) dois sons foneticamente distintos, mas variantes de um só fonema.

2.4.1. Segmento Consonantal

2.4.1.1. Contraste

Relacionamos, abaixo, os pares de segmentos consonantais que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA), causando distinção de significado. Apresentamos, nesta primeira parte, os pares de palavras que compartilham, pelo menos, um traço fonético-articulatório, demonstrando uma similaridade fonética.

(35) /p/ e /b/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [pa'kɔva] 'banana'
- b. [ba'kaba] 'bacaba'¹⁴
- c. [mapu'fi] 'animal'
- d. [zabu'tʃĩ] 'jabuti'
- e. [pu'ã] 'em pé'
- f. [bu'ɛ] 'rã'

(36) /j/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em CAI, conforme os exemplos abaixo:

- a. [i'jɛ] 'eu'
- b. [i'nɛ] 'tu'

(37) /j/ e /d/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [kupi'ja] 'roça'
- b. [ku'pidu] 'capivara'

(38) /k/ e /g/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, conforme os exemplos abaixo:

- a. [ka'ru] 'tarde'
- b. ['gara] 'canoa'

(39) /t/ e /s/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [taja'su] 'porco'
- b. [sua'su] 'veado'

(40) /k/ e /t/ são fonemas porque ocorrem em CAI, conforme os exemplos abaixo:

- a. [ape'kũ] 'língua'
- b. [ape'tũ] 'miolo'

¹⁴ Fruto de uma palmeira nativa amazônica.

(41) /s/ e /r/ são fonemas, pois ocorrem em CAA e CAI, respectivamente, como demonstrado nos exemplos abaixo:

- a. [sa'sa] 'passar'
- b. [re'sa] 'olho'
- c. [i'sũ] 'liso'
- d. [i'rũ] 'com'

(42) /n/ e /m/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, conforme demonstrado nos exemplos abaixo:

- a. [a'nãma] 'amigo'
- b. [a'mãna] 'chuva'

(43) /t/ e /r/ são fonemas porque ocorrem em CAI, como nos exemplos abaixo:

- a. [i'ta] 'pedra'
- b. [i'ra] 'mel'

(44) /ɲ/ e /n/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [iɲã] 'correr'
- b. [pi'nã] 'anzol'

(45) /w/ e /p/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, conforme os exemplos abaixo:

- a. [wi'ra] 'gavião'
- b. [pi'ra] 'peixe'

(46) /j/ e /ʒ/ são fonemas pois ocorrem em CAA, como no exemplo abaixo:

- a. [i'fɛ] 'eu'
- b. [i'ʒe] 'machado'

(47) /w/ e /j/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como demonstrado nos exemplos abaixo:

- | | | |
|----|---------|---------|
| a. | [wa'sẽ] | ‘achar’ |
| b. | [ja'si] | ‘lua’ |
| c. | [wa'ta] | ‘andar’ |
| d. | [ja'tɛ] | ‘alto’ |

Há, ainda, pares de palavras que demonstram contraste, em ambiente idêntico e/ou análogo, mas que não apresentam a similaridade fonética entre seus fones. Mostramos, a título de conhecimentos, alguns pares de palavras nesta situação, mesmo que não correspondam ao critério de contraste, ou seja, que apresente pelo menos um traço fonético-articulatório:

(48)

- | | | | | | |
|----|-----------|-----------|------------|-----------|-----------|
| a. | /k/ e /r/ | [pura'kɛ] | ‘poraquê’ | [puru'rɛ] | ‘enxada’ |
| | | [kuru'ka] | ‘garganta’ | [kuru'ru] | ‘sapo’ |
| b. | /m/ e /k/ | [ʒuru'mũ] | ‘abóbora’ | [uru'ku] | ‘urucum’ |
| c. | /p/ e /s/ | [ja'para] | ‘torto’ | [ju'sara] | ‘coceira’ |
| d. | /ɲ/ e /t/ | [pe'ɲɛ] | ‘vocês’ | [pe'tũ] | ‘noite’ |
| e. | /w/ e /k/ | [wĩ'wa] | ‘flecha’ | [kĩ'wa] | ‘pente’ |

2.4.1.2. Distribuição Complementar

Após selecionarmos os segmentos consonantais que apresentam contraste em ambiente idêntico ou análogo, passamos para o segundo critério da análise fonêmica: a distribuição complementar, estabelecendo que a ocorrência de um determinado fone seja condicionada pelo ambiente no qual ele se realiza e, seus correspondentes devem acontecer nos demais ambientes em que aquele não aconteça. No Nheengatu do Médio Rio Amazonas, há alguns segmentos que ocorrem como alofones de fonemas no sistema desta língua. Assim, apresentamos abaixo as ocorrências de distribuição complementar do Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

Os fones [t] e [tʃ] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [tʃ] ocorre em *Ataque Silábico*, precedendo a vogal anterior alta: oral e nasal.

- (49) a. [patʃi'a] 'peito'
 b. [ʒabu'tʃĩ] 'jabuti'

b) [t] ocorre nos demais ambientes.

- (50) a. [ta'ʒa] 'Taioba'
 b. [pui'tɛ] 'Mentira'
 c. [pu'tira] 'flor'
 d. [pe'tũ] 'noite'

Logo, [tʃ] e [t] são alofones do fonema /t/.

Os fones [kʰ] e [k] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [kʰ] ocorre em *Coda Silábica* em final de palavra.

- (51) a. [ĩpɛkʰ] 'pato'
 b. [mo'nɔkʰ] 'cortar'

b) [k] ocorre nos demais ambientes.

- (52) a. [kʰsɛ] 'faca'
 b. [aku'tʃi] 'cotia'
 c. [ʔka] 'casa'
 d. [a'kã] 'cabeça'

Logo, [kʰ] e [k] são alofones do fonema /k/.

2.4.1.3. Variação Livre

Quando dois fones ocorrem livremente, em ambientes semelhantes, sem causar distinção de significado, chamamos de Variação Livre. Vale ressaltar, ainda, que as variantes

livres pertencem a apenas um segmento fonológico. O exemplo abaixo demonstra a ocorrência da variação livre na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas:

Os fones [r] e [w] ocorrem em variação livre em posição medial de palavra.

- (53) a. [pu'ra] ~ [pu'wa] 'fígado'
 b. [ka, nela 'ʔara] ~ [ka, nela'rawa] 'cabelo da perna'

Assim, [r] e [w] são variantes de um mesmo fonema, o tepe alveolar /r/.

Além disso, o fone [w] ocorrem em variação livre com o fone [b] em posição medial de palavras.

- (54) a. [wa'riwa] ~ [wa'riba] 'guariba'

Desta forma, [w] e [b] são variantes de um mesmo fonema, a oclusiva bilabial /b/.

Temos, ainda, os fones [ɲ] e [j] ocorrendo em variação livre em posição medial de palavras.

- (55) a. ['kã:ɲa] ~ ['kã:ja] 'pimenta'

Assim, [ɲ] e [j] são variantes de um mesmo fonema, a nasal palatal /ɲ/.

2.4.1.4. Quadro de Fonemas Consonantais

A variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas apresenta um inventário de 15 (quinze) fonemas consonantais: seis oclusivas, três nasais plenas, um tepe, três fricativas e duas aproximantes.

Quadro 4 - Fonemas Consonantais

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar
Oclusiva	p b	t d			k g
Nasal	m	n		ɲ	
Tepe		r			
Fricativa		s	ʃ ʒ		
Aproximantes	w			j	

Fonte: Autoria própria baseado no modelo do IPA (2005).

Se retomarmos o quadro dos fones consonantais (cf. quadro 2) desta variante do Nheengatu, verificaremos que há a ocorrência da oclusiva glotal [ʔ] e da fricativa glotal [h], mas não a sua ocorrência nos segmentos fonológicos consonantais. Trabalhos anteriores sobre a fonologia do Nheengatu (variante do Rio Negro)¹⁵ apresentam a oclusiva glotal [ʔ] apenas como uma realização fonética, pois não apresenta características necessárias para que seja considerada como fonema: realiza-se, mas sem indicar contraste segundo Taylor (1985) ou ocorre facultativamente em condições favoráveis a manifestação fonológica como indica Borges (1991). Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, a oclusiva glotal [ʔ] ocorre foneticamente, mas não encontramos evidências para considerá-la como fonema: não há manifestação de contraste com outro som similar. Encontramos sua ocorrência nos exemplos abaixo:

(56) [ʔ]

[bakabaʔiwa]	Bacabeira
[wasaiʔiwa]	Açaizeiro
[tariʔira]	Traíra

Esta ocorrência, em meio de palavra, é corroborada com a língua Sateré-Mawé. Porém, diferente do Nheengatu, este segmento consonantal, nesta posição, é considerado fonema, pois apresenta contraste de pares em ambiente idêntico segundo Silva (2006). O exemplo de contraste em ambiente idêntico e análogo da autora para este segmento é justamente com outra glotal [h], que no Nheengatu da mesma região que o Sateré-Mawé, também só apresentou realização fonética.

A fricativa glotal [h] no Nheengatu do Médio Rio Amazonas é de rara ocorrência como exemplificado no item (16):

¹⁵ Taylor (1985), Borges (1991) e Cruz (2011).

[h]

- | | |
|--------------------------------|---------|
| a. [b ^h ɔ̃zi] | Jamuru |
| b. [iʒe] ~ [iʒ ^h e] | Machado |

Assim como a oclusiva glotal, não encontramos contraste para que a identificássemos como fonema. Entretanto, mesmo não sendo considerado fonema, há uma realização fonética que merece análise.

Trabalhos sobre o Nheengatu do Rio Negro¹⁶ apresentam o prefixo ‘a-’ como flexão verbal, para identificar a primeira pessoa do singular sujeito. Segundo Taylor (1985), há uma variante do prefixo ‘a-’ no Nheengatu de Maués e na região do rio Içana (Região do Alto Rio Negro). Essa variante acontece ao acrescentar a fricativa glotal antes deste prefixo verbal [ha]. Cruz (2011) corrobora com Taylor quando afirma que no Nheengatu dos Baniwa do rio Içana, o prefixo da primeira pessoa do singular do sujeito ‘a-’ é realizado com a aspiração em posição de *Ataque Silábico*. Segundo a autora, esta aspiração na flexão verbal só acontece na primeira pessoa do singular. Por isso, ela conclui que a aspiração na primeira pessoa do singular do sujeito é uma forma lexicalizada naquele dialeto. No Nheengatu do Médio Rio Amazonas, há a ocorrência dessa aspiração também na primeira pessoa do singular do sujeito, como mencionou Taylor (1985). Os exemplos abaixo demonstram essa realização fonética da fricativa glotal.

(57) [h]

[hawa'sẽ]	1s - achar
[ha'puk ^h]	1s – sentar
[ha'sɔ]	1s – ir embora

Vale ressaltar que a análise desta ocorrência é preliminar, ainda no plano fonético. Porém, serão coletados mais dados para que haja, futuramente, uma análise mais aprofundada desta aspiração no plano morfossintático.

Por fim, a ocorrência da fricativa labiodental sonora [v], é muito rara na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, em apenas três palavras, como demonstrada no exemplo (14):

¹⁶ Taylor (1985), Borges (1991), Moore *et al.*(1993) e Cruz (2011).

[v]

- | | |
|--------------|--------|
| a. [a'vi] | Agulha |
| d. [pa'kɔva] | Banana |
| e. [wavi'ru] | Rato |

Sua correspondente surda [f] também não ocorre. Vale ressaltar que em trabalhos da variante do Nheengatu do Rio Negro e da Língua Sateré-Mawé, não há presença das fricativas labiodentais. Nossa hipótese inicial é que essa realização acontece a partir do contato com a Língua Portuguesa que possui as fricativas labiodentais [f, v]. Contudo, os dados que dispomos não são suficientes para uma análise mais aprofundada, assim, novas investigações acerca destes segmentos precisam ser feitas para comprovação se é ou não influência da língua portuguesa.

2.4.2. Segmento Vocálico

2.4.2.1. Contraste

Relacionamos, abaixo, os pares de segmentos vocálicos que ocorrem em contraste em ambientes idênticos (CAI) ou em ambientes análogos (CAA), causando distinção de significado.

2.4.2.1.1. Vogais Orais

(58) /a/ e /i/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como demonstrado nos exemplos abaixo:

- | | |
|------------|----------------------|
| a. [ka:ʔa] | ‘mato’ |
| b. [kɨ'sa] | ‘rede (para dormir)’ |
| c. [a'vi] | ‘agulha’ |
| d. [ɨ'wi] | ‘chão’ |

(59) /i/ e /i/ são fonemas, pois ocorrem em CAA e CAI, conforme os exemplos abaixo:

- a. [ari'a] 'avó'
- b. [ap'i'ga] 'homem'

- c. ['mira] 'gente'
- d. [mi'ra] 'madeira'

(60) /i/ e /e/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [pi'fũ] 'preto'
- b. [pe'tũ] 'noite'

- c. [supi'a] 'ovo'
- d. [supe'ta] 'tronco'

- e. [pi'nã]~[pi'na] 'anzol'
- f. [pe'pe] 'vocês'

(61) /i/ e /u/ são fonema, pois ocorrem em CAI, como demonstrado nos exemplos abaixo:

- a. [pi'ra] 'peixe'
- b. [pu'ra] 'fígado'

(62) /o/ e /u/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, como nos exemplos abaixo:

- a. [ha'sɔ] 'Is – ir embora'
- b. [wa'su] 'grande'

- c. [po'sã] 'remédio'
- d. [tu'pã] 'Deus'

(63) /e/ e /o/ são fonemas, pois ocorrem em CAA, conforme os exemplos abaixo:

- a. [ku'pe] 'costas'
- b. [pu'pɔ] 'pena'

2.4.2.1.2. Vogais Nasais

(64) /a/ e /ã/ são fonemas, pois ocorrem em CAA e CAI.

- | | | |
|----|---------|-------------|
| a. | [ma'u] | ‘comer’ |
| b. | [ʒã'du] | ‘bicho-pau’ |
| c. | ['aka] | ‘chifre’ |
| d. | [a'kã] | ‘cabeça’ |

(65) /i/ e /ĩ/ são fonemas, pois ocorrem em CAI.

- | | | |
|----|-------|---------|
| a. | [tʃĩ] | ‘não’ |
| b. | [tʃi] | ‘nariz’ |

(66) /u/ e /ũ/ são fonemas, pois ocorrem em CAA.

- | | | |
|----|---------|----------|
| a. | [pe'ju] | ‘soprar’ |
| b. | [pi'ũ] | ‘pium’ |

Assim como acontece com os segmentos consonantais, há, também, pares de palavras que demonstram contraste, em ambiente idêntico e/ou análogo, mas que não apresentam a similaridade fonética entre seus fones nos segmentos consonantais.

(67)

- | | | | | | |
|----|-----------|-----------------|----------------|-----------|------------------|
| a. | /o/ e /i/ | [pɔ] | ‘mão’ | [pi] | ‘pé’ |
| b. | /e/ e /u/ | [pe'pɔ]~[pe'pɔ] | ‘asa’ | [pu'pɔ] | ‘pena’ |
| c. | /e/ e /a/ | [te'ju] | ‘calango’ | [taja'su] | ‘porco’ |
| d. | /e/ e /a/ | [kɨ'sɛ] | ‘faca’ | [kɨ'sa] | ‘rede de dormir’ |
| e. | /i/ e /ã/ | [i'wɛra] | ‘coxa’ | [kã'wɛra] | ‘osso’ |
| f. | /ẽ/ e /ũ/ | [se'mẽ] | ‘beijo, lábio’ | [se'nũ] | ‘ouvir’ |
| g. | /ẽ/ e /õ/ | [se'mẽ] | ‘beijo, lábio’ | [se'mõ] | ‘irmão’ |

2.4.2.2. Distribuição Complementar

Da mesma forma que os segmentos consonantais, verificamos a distribuição complementar dos segmentos vocálicos. Encontramos, alofones de fonemas vocálicos, ou seja, variantes de um fonema. Vale lembrar que, para cada uma dessas variantes, há um determinado ambiente onde cada uma se realiza foneticamente. Assim, apresentamos abaixo as ocorrências de distribuição complementar dos fonemas vocálicos do Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

Os fones [ɛ] e [e], assim como a variante do Alto Rio Negro¹⁷, ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [ɛ] ocorre em sílabas acentuadas

(68)	[pɛ]	‘caminho’
	[i'wɛra]	‘coxa’
	[bu'ɛ]	‘rã’

b) [e] nos demais ambientes.

(69)	[peka'tu]	‘distante’
	[tape'kũ]	‘abanador’
	[supɛ'ta]	‘tronco’

Logo, [ɛ] e [e] são alofones do fonema /e/.

Ainda falando sobre a vogal anterior média, Cruz (2011, p.57) registra a ocorrência do alofone [e] quando este for seguido uma consoante nasal, ainda que a sequência seja heterossilábica, ou ainda quando este for seguido por um glide na *Coda* da sílaba, sendo [e] o núcleo. Neste estudo, também encontramos a ocorrência de [e] em ambientes iguais e/ou semelhantes a estes citados acima. Para a variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, o fone [e] ocorre quando estiver em ambiente nasal, precedido ou seguido por uma consoante nasal e ocorre também quando for seguido por um glide na *Coda Silábica*, como podemos ver nos exemplos a seguir:

¹⁷ Borges (1991) e Cruz (2011).

(70)		
	[tʃimew]	‘alimento’
	[pa'sei]	‘pesado’

Os fones [ɔ] e [o] ocorrem em distribuição complementar nos seguintes ambientes:

a) [ɔ] ocorre em sílabas acentuadas

(71)	[bɔja]	‘cobra’
	[pa'kɔva]	‘banana’
	[pɔ]	‘mão’

b) [o] nos demais ambientes

(72)	[o'kena]	‘porta’
	[po'sã]	‘remédio’

Assim, [ɔ] e [o] são alofones do fonema [o].

Em alguns estudos da variante do Nheengatu do Alto Rio Negro¹⁸, não há registros deste fonema no inventário de fonemas vocálicos. Borges (1991), analisa os fones [ɔ] e [o] como alofones da vogal oral alta posterior /u/. Segundo este autor, ambos apresentam variação livre com [u] em seus respectivos ambientes fonéticos. Por isso, atribuiu, a eles, a posição de variante do fonema /u/. Como na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas encontramos a ocorrência dos fones [ɔ] e [o], sendo que ambos não apresentaram variação livre com [u], interpretamos que há o fonema /o/ com seus respectivos alofones [ɔ] e [o].

2.4.2.3. Variação Livre

Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, encontramos exemplos de variação livre para os segmentos vocálicos, ou seja, dois fones vocálicos que ocorrem

¹⁸ Cruz (2011), Taylor (1985) e Moore (1993)

livremente, em ambientes semelhantes, não causando mudança de significado. Para representar esses dois fones vocálicos distintos, escolhemos apenas um fonema.

Os fones [a] e [ã] ocorrem em variação livre no final de palavras quando precedidos pela nasal alveolar [n].

- (73) [pɪ'na]~[pɪ'nã] 'anzol'
 [wara'na]~[wara'nã] 'guaraná'
 [ja'pũna]~[ja'pũnã] 'forno'

Assim, [a] e [ã] são variantes de um mesmo fonema, a vogal central baixa /a/.

Os fones [e] e [ɛ] ocorrem em variação livres seguidos de um segmento nasal em vogal tônica.

- (74) [ma'me] ~ [ma'mɛ] 'onde'
 [se'me] ~ [se'mɛ] 'beirada'

Dessa forma, [e] e [ɛ] são variantes de um mesmo fonema, a vogal média fechada anterior [e].

2.4.2.4. Quadro de Fonemas Vocálicos

A variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas apresenta um inventário de 09 (nove) fonemas consonantais: seis orais e três nasais.

Quadro 5 - Fonemas Vocálicos

	Não - Arredondado						Arredondado		
	Anterior			Central			Posterior		
	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa
Alto (fechado)	i	ĩ		ɨ			u	ũ	
Médio fechado	e						o		
Médio Aberto									
Baixo (aberto)				a	ã				

Fonte: Autoria própria baseado no modelo do IPA (2005).

Quanto às ocorrências das vogais longas nasais, identificadas no quadro fonético, [ĩ:], [ẽ:] e [ã:], não encontramos outros exemplos que justificássemos sua realização como fonema. Na variante do Nheengatu do Rio Negro, as vogais longas também não ocorrem. Uma das possibilidades da ocorrência das vogais longas em alguns vocábulos no Nheengatu do Médio Rio Amazonas pode ser o contato com a Língua Sateré-Mawé, que possui as vogais longas¹⁹. Entretanto, essa hipótese é preliminar, os dados que dispomos não foram suficientes para uma análise mais aprofundada.

As vogais nasais [ẽ] e [õ] também ocorrerem no plano fonético, porém, não encontramos dados suficientes para considerá-las fonemas. Vale ressaltar que a nasalidade, neste trabalho, foi tratada de forma preliminar. Além da coleta de dados mais precisos quanto a essa questão, precisaremos, muito provavelmente, do aporte teórico da fonologia não-linear que nos dará um suporte melhor na análise da nasalidade da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas. Entretanto, as questões levantadas, neste trabalho, acerca deste assunto irão subsidiar novas investigações sobre a nasalidade do Nheengatu nesta região, que serão realizadas posteriormente.

2.5. Processos morfofonêmicos

Segundo Kindell (1981, p.142), uma análise morfofonêmica está presente tanto nos estudos gramaticais quanto nos estudos fonológicos, tendo a função de ligar os sistemas gramatical e fonológico, com seus respectivos inventários de morfemas e fonemas.

A análise desses processos servirá para futuros estudos gramaticais da língua. Kindell (1981, p.145) afirma que os processos se dividem em quatro tipos principais: assimilação e dissimilação, diminuição e aumento, metátese e reduplicação. No Nheengatu do Médio Rio Amazonas, registramos algumas ocorrências de processos morfofonêmicos como a assimilação, que ocorre quando um morfema ou fonema se torna mais semelhante a um fonema influente ou condicionador, e do aumento do número de fonemas, ocorrendo quando há o acréscimo de consoantes ou vogais para manter os padrões silábicos preferidos da língua (KINDEL, 1981).

¹⁹ Silva (2006, p.70).

Apresentamos, abaixo, alguns destes processos morfofonêmicos²⁰ em Nheengatu, variante do Médio Rio Amazonas:

- (75) a. *Repres. Morfofonêmica* /akuti/ /suaja/
 b. Vozeamento da alveolar r
 c. *Repres. Fonológica* /akuti suaja/
 d. *Repres. Fonética* [akutʃiruaja]
 ‘rabo de cutia’

Ao observarmos o exemplo (75), verificamos que a fricativa alveolar surda /s/ assimila o traço de sonoridade da vogal precedente em fronteira de palavra, tornando-se o tepe alveolar /r/. Isso acontece também com a oclusiva alveolar /t/, como demonstrado no exemplo (76) abaixo:

- (76) a. *Repres. Morfofonêmica* /mira/ /tuwi/
 b. Vozeamento da oclusiva r
 c. *Repres. Fonológica* /mira tuwi/
 d. *Repres. Fonética* [miraruɪ]
 ‘sangue de gente’

Encontramos, ainda, como processo morfofonêmico a epêntese de consoante, chamada por Kindell (1981, p.150) como ‘consoante de transição’.

- (77) a. *Repres. Morfofonêmica* /kanela/ /awa/
 b. Acréscimo de consoante r
 c. *Repres. Fonológica* /kanela r awa/
 d. *Repres. Fonética* [kanelarawa]
 ‘cabelo da perna’

- (78) a. *Repres. Morfofonêmica* /sa/ /awa/

²⁰ Para derivação morfofonêmicas, utilizamos as regras sugeridas por Burquest (1998) apresentada por Silva (2006, p.73). Segundo o autor, a representação ocorre na seguinte ordem: (1º.) representação morfofonêmica; (2º.) aplicação das regras morfofonêmicas, (3º.) representação fonológica, (4º.) aplicação de regras alofônicas, (5º.) representação fonética.

- | | | | |
|--|-----------|---------------------------|----------------------|
| | <i>b.</i> | Acréscimo de consoante | r |
| | <i>c.</i> | <i>Repres. Fonológica</i> | /sa r awa/ |
| | <i>d.</i> | <i>Repres. Fonética</i> | [sarawa]
'cílios' |
-
- | | | | |
|------|-----------|------------------------------|--------------------------|
| (79) | <i>a.</i> | <i>Repres. Morfofonêmica</i> | /se/ /oka/ |
| | <i>b.</i> | Acréscimo de consoante | r |
| | <i>c.</i> | <i>Repres. Fonológica</i> | /se r oka/ |
| | <i>d.</i> | <i>Repres. Fonética</i> | [serɔka]
'minha casa' |

O acréscimo do tepe alveolar /r/ na fronteira de morfema, apresentado no exemplo (79), segue a tendência de manter o padrão silábico mais recorrente (KINDEL, 1981), no caso do Nheengatu, mantém-se o padrão CV. Como há um segmento vocálico terminando o primeiro morfema e outro iniciando o segundo morfema, houve o acréscimo de um segmento sonoro. Este processo ocorre ao acrescentarmos outros relacionais como no exemplo (80) a seguir:

- | | | | |
|------|-----------|------------------------------|------------------------|
| (80) | <i>a.</i> | <i>Repres. Morfofonêmica</i> | /ne/ /oka/ |
| | <i>b.</i> | Acréscimo de consoante | r |
| | <i>c.</i> | <i>Repres. Fonológica</i> | /ne r oka/ |
| | <i>d.</i> | <i>Repres. Fonética</i> | [nerɔka]
'sua casa' |

Entretanto, quando o determinante do relacional é nulo (\emptyset), há uma mudança do tepe alveolar sonoro /r/ para a fricativa alveolar surda /s/, demonstrado no exemplo abaixo:

- | | | | |
|------|-----------|------------------------------|-------------------------|
| (81) | <i>a.</i> | <i>Repres. Morfofonêmica</i> | / \emptyset / /oka/ |
| | <i>b.</i> | Acréscimo de consoante | s |
| | <i>c.</i> | <i>Repres. Fonológica</i> | /s oka/ |
| | <i>d.</i> | <i>Repres. Fonética</i> | [sɔka]
'a casa dele' |

No início deste capítulo, apresentamos a descrição fonética e, posteriormente a descrição fonológica. A partir da descrição fonética, construímos os inventários de fones consonantais e vocálicos que seriam importantes para subsidiar a análise fonológica, sendo esta a responsável para definição dos fones e alofones, que nos ajudaram a formar o quadro de fonemas consonantais e vocálicos. Por fim, verificamos alguns processos morfofonêmicos que servirão como base para estudos gramaticais mais aprofundados da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

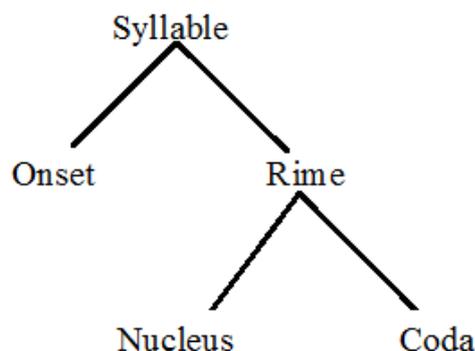
3. ESTRUTURA SILÁBICA

O estudo da fonologia de uma língua passa pela sílaba. Ela é parte essencial da organização fonológica, pois nos ajuda a entender a língua como um sistema. Katamba (1989) afirma que a sílaba está no coração das representações fonológicas. Cunha & Cintra (2008, p.66) dizem que “quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantos forem as vogais”, estabelecem assim, que a noção de sílaba é fato intuitivo dos falantes e que as vogais constituem parte determinante da sílaba. Spanghero Ferreira (2000) e Silva (2006) apresentam a sílaba como domínio natural para o estabelecimento de limitações na distribuição de sons e sequências sonoras em diversos pontos (inicial, medial e final) na palavra fonológica ou frase.

Pike (1947, p.148) já havia feito considerações sobre a sílaba. Para ele, a sílaba é constituída por um peak (núcleo), sendo parte proeminente, e elementos marginais, as consoantes, antes e/ou depois do núcleo.

Como já mencionado anteriormente, para esta análise, utilizamos postulados de Kenstowicz (1994). Segundo o autor, a sílaba é constituída por uma estrutura interna composta por um *Núcleo* (Nucleus) obrigatório, precedido por uma consoante opcional, *Ataque* (Onset) e seguido, também, por uma consoante opcional, *Coda* (Coda). O autor afirma, ainda, que há um subconstituente adicional chamado Rima (Rhyme) composto pelo *Núcleo* e pela *Coda*. Em outras palavras, a sílaba é composta por um *Ataque* e uma *Rima*, esta última é, ainda, constituída de um *Núcleo* e uma *Coda* sendo que qualquer categoria, exceto o *Núcleo*, pode ser vazia. (Figura 4)

Figura 4 - Constituintes da Sílaba por Kenstowicz



Fonte: Baseado em Kenstowicz (1994, p.253).

Na perspectiva de que a sílaba é composta por sons consonantais e vocálicos em uma estrutura interna, temos, ainda, a Hierarquia da Sonoridade²¹ como outro ponto de análise. Kenstowicz (1994) afirma que a construção complexa de *Ataques* e *Codas* é guiada pela *Sonority Sequencing Principles* (SSP) que requer *Ataques* elevando-se, em sonoridade, ao núcleo e *Codas* decaindo, também em sonoridade, do núcleo, ou seja, encontramos o maior ponto sonoro no núcleo da sílaba, e pontos de menor sonoridade nos elementos adjacentes (*Ataque* e *Coda*). Ao relacionarmos os princípios de sequência de sonoridade da sílaba com as classes dos sons da fala, podemos chegar a escala de sonoridade, apresentada por Kenstowicz (1994), que traz as vogais como as mais sonoras e os obstruintes²² como os menos sonoros. A escala de sonoridade é composta por vogais, glides, líquidas, nasais e obstruintes. Collischonn (2001, p.101) retrata a importância dessa escala na estrutura da silábica, pois, a partir dela, podemos “correlacionar a sonoridade relativa de um segmento com a posição que ele ocupa no interior da sílaba”. Ferreira Netto (2001, p.152) completa que com a escala de sonoridade “é possível estabelecer a diferença entre vogais e semivogais pela sonoridade”, por exemplo. Além disso, auxilia-nos a explicar alguns fenômenos fonológicos, como formação de glides, ditongos e a sequência de segmentos ambivalentes nas margens silábicas, como sugere Silva (2006). Para isso, aprofundando a escala de sonoridade já apresentada acima, Kenstowicz (1994), baseado em Clement (1990), hierarquizou os segmentos da sílaba (exceto o núcleo) em:

GLIDE > LÍQUIDA > NASAL > OBSTRUINTE
 3 2 1 0

Ferreira Netto (2001 p.152), baseado em Said Ali (1963, p.24), acrescenta à escala acima as vogais, identificando-as como o “ápice de sonoridade da sequência de segmentos”, ou seja, ele acrescenta os núcleos silábicos.

3.1. Hierarquia de Sonoridade

Para analisarmos a escala de sonoridade das sílabas do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, tivemos como base os pressupostos de Silva (2006, p.78) que examinou o Sateré-Mawé. Segundo a autora, a sonoridade está relacionada ao grau de obstrução da passagem de

²¹ Sonority Sequencing Principles (SSP).

²² Segundo Ferreira Netto (2001), segmentos obstruintes não podem ser soantes, aproximantes, nem vocóides.

ar, permitindo, desta forma, que as vogais altas sejam menos sonoras que as vogais baixas. Assim, os segmentos baixos apresentam maior sonoridade à medida que os segmentos altos são os menos sonoros.

Utilizando as considerações de Silva (2006), propomos a seguinte escala de sonoridade para os fonemas da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas:

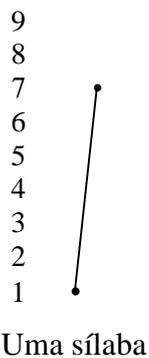
Quadro 6 - Tabela de Hierarquia de Sonoridade do Nheengatu do Médio Rio Amazonas

Descrição	Fonemas	Valor de Sonoridade
Vogal Baixa	/a/	9
Vogais Médias	/e, o/	8
Vogais Altas	/i, ĩ, u/	7
Aproximantes	/w, j/	6
Tepe	/r/	5
Nasais	/m, n, ŋ/	4
Fricativas	/s, ʃ, ʒ/	3
Oclusiva Sonoras	/b, d, g/	2
Oclusivas Surdas	/p, t, k/	1

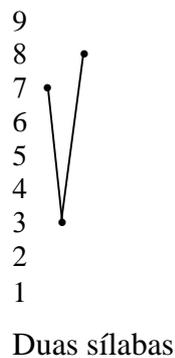
Fonte: Autoria própria.

O exemplo abaixo mostra-nos a aplicação da escala da sonoridade em palavras na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas:

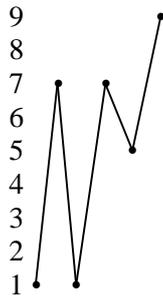
(78) a. /pi/ “pé”



b. /iʃe/ “eu”

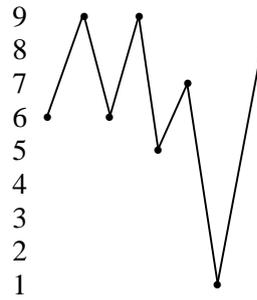


c. /pu'tira/ “flor”



Três sílabas

d. / jawarite/ “onça”



Quatro sílabas

Ao observarmos o exemplo, acima, quanto ao número de sílaba, verificamos que os segmentos vocálicos apresentam um pico maior de sonoridade que os segmentos consonantais, concluímos assim, que eles são os núcleos silábicos. Dessa forma, ao identificarmos o pico da sonoridade, encontramos, também, o número de sílaba.

3.2. Tipos e Distribuição Silábica

Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, temos dois tipos silábicos: **V**, **CV**. Sílaba do tipo **V** pode ser preenchida por qualquer segmento vocálico. Apresenta-se em sílaba inicial, medial e final. Há uma ocorrência isolada. Para o tipo **CV**, admite-se para a posição de *Ataque* (C) qualquer segmento consonantal. Porém, há alguns que ocorrem em início de palavra e outros em posição medial e final de palavras. Para núcleo silábico, admite-se qualquer segmento vocálico. Abaixo, seguem exemplos para cada um desses tipos silábicos.

-V-

V	a. /i/	“água”
V.V	b. /a'i/	“bicho preguiça”
V.V	c. /a'e/	“ela”
V.CV. CV	d. /ape'kũ/	“língua”
CV.V.CV	f. /sa'uba/	“saúva”

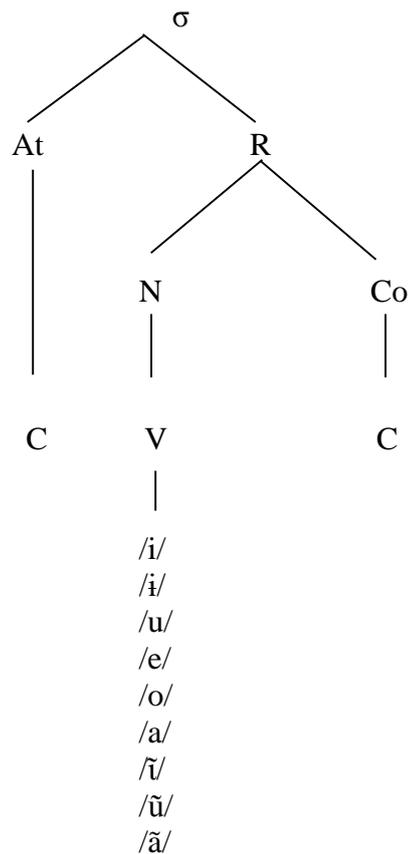
-CV-

CV.CV.CV.	a. /pu'têma/	“tabaco”
CV.	b. /pi/	“pé”
V. CV.CV	c. /ape'kũ/	“língua”
CV.CV	d. /pe'je/	“vocês”
CV.CV.CV.	e. /pu'tira/	“flor”

Dessa forma, podemos afirmar que, no Nheengatu do Médio Rio Amazonas, há sílabas compostas apenas por *Núcleo* (V) e por *Ataque* e *Núcleo* (CV).

Quanto à constituição interna dos tipos silábicos, podemos dizer que a posição de *Núcleo* pode ser ocupada por qualquer fonema vocálico, como demonstrado abaixo:

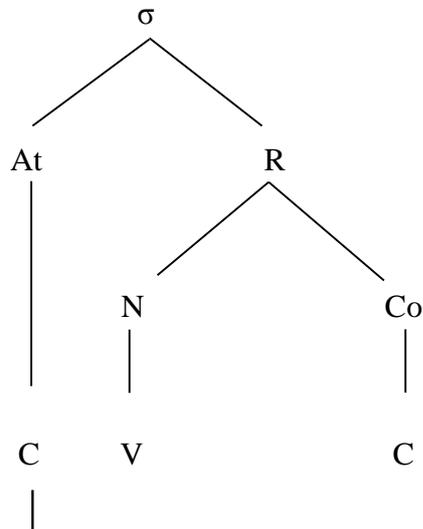
(79)



Todos os fonemas consonantais podem ocorrer em *Ataque* silábico. Porém, os segmentos /d/, /ɲ/ e /r/ ocorrem, somente, em *Ataque* de sílaba medial e não em *Ataques* iniciais.

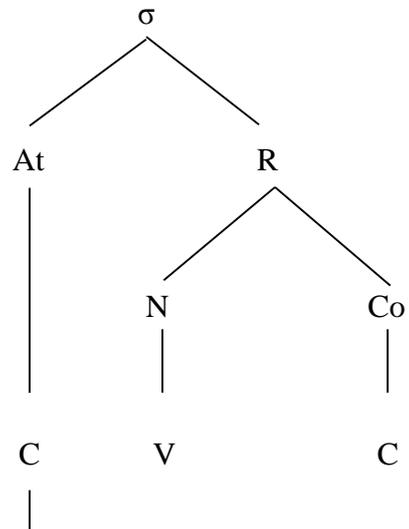
(80)

a. Início de palavra (# ___)



/p/
/t/
/k/
/b/
/g/
/m/
/n/
/s/
/ʃ/
/ʒ/

b. Não iniciando palavra (# ___)



/p/
/t/
/k/
/b/
/d/
/g/
/m/
/n/
/ɲ/
/r/
/s/
/ʃ/
/ʒ/

Assim, como em Sateré-Mawé (SILVA, 2006), não há restrições das vogais orais nos três tipos silábicos. Quanto às vogais nasais, encontramos, apenas, a ocorrência de /ã/ e /ĩ/ em início de palavras. Porém, todos os segmentos nasais ocorrem em posição medial de palavras.

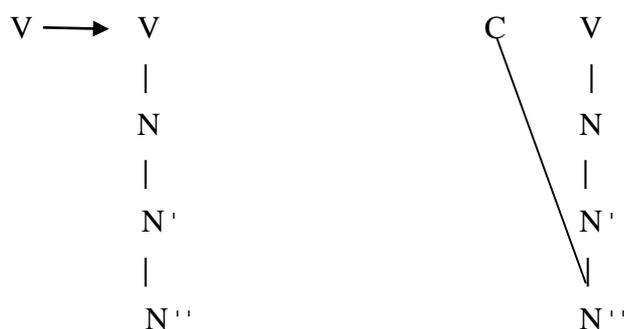
3.3. Silabificação

A partir da definição que a estrutura interna da sílaba é composta por um *Ataque* e uma *Rima* que é constituída por um *Núcleo* e uma *Coda* apresentamos, a seguir, o processo de silabificação do Nheengatu.

Ao afirmar que o *Núcleo* é obrigatório, Kenstowicz (1994, p.253) coloca-o como parte essencial da sílaba. Ao observar um dos inventários silábicos mais primitivos - CV, VC, V, CVC – o autor diz que o núcleo vocálico, V, é o único fator constante neste inventário. Ele afirma, ainda, que sistemas silábicos mais complexos partem desse inventário básico. Outro fator que coloca o *Núcleo* com status especial na sílaba é, segundo Kenstowicz (1994), que ele é um elemento ideal portador de tom ou acento. Deletar o *Núcleo* vocálico da sílaba realocaria o tom ou acento, por outro lado, perder o *Ataque* ou a *Coda* consonantal, não há prejuízos para a estrutura da sílaba, e conseqüentemente, não mudaria a posição do tom ou do acento.

Vimos, assim, que o núcleo é a base da sílaba, sendo ela constituída por ele no centro. As regras de silabificação, abaixo, mostram as distribuições mais comuns nas línguas do mundo, apresentada por Kenstowicz (1994, p.254), limitando-se, desta forma, ao inventário silábico V e CV, onde atribuisse uma vogal ao núcleo e uma consoante pré-vocálica na posição de *Ataque*.

(81)



Porém, muitas línguas acrescentam uma consoante na posição de *Coda*, em seu inventário silábico, conforme o exemplo abaixo, aumentando, assim, outros padrões silábicos: VC e CVC.

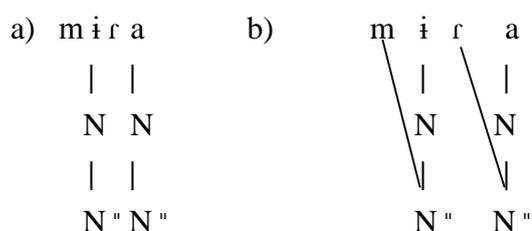
(82)



Segundo Kenstowicz (1994, p.254), as regras apresentadas acima aplicam-se na ordem indicada. Desse modo, da sequência VCV, a silabificação é feita como [V. CV], onde há uma única consoante intervocálica preenchendo o *Ataque* da segunda sílaba. Segundo o autor, silabificações como [VC.V] são incomuns acontecendo somente em regras particulares de algumas línguas. Ele afirma que este aspecto é uma tendência geral para não permitir sílabas sem *Ataque*.

Considerando os tipos silábicos apresentados na secção 3.2, podemos postular as regras de silabificação da palavra /mĩra/ ‘madeira’, no Nheengatu do Médio Rio Amazonas, seguindo os procedimentos de Kenstowicz: a) atribuição de núcleo, b) atribuição de *Ataque*, representados, respectivamente abaixo:

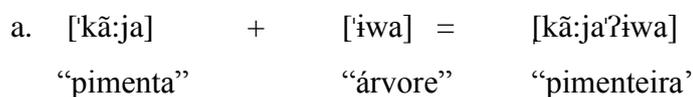
(83)



O Nheengatu do Médio Rio Amazonas explora a regra apresentada em (b), tendo como inventário silábico V e CV.

Encontramos, ainda, na variante no Nheengatu do Médio Rio Amazonas ressilabificações em limites de palavras, como demonstrado nos exemplos abaixo:

(84)



- b. [wasai] + [iwa] = [wasaiʔiwa]
 “açai” “árvore” “açazeiro”

Nos exemplos (84a) e (84b), ocorre uma epêntese²³ consonantal. Para que não houvesse uma desestruturação silábica, acrescentou-se o segmento consonantal oclusivo glotal [ʔ] mantendo-se, assim, o padrão silábico CV. O mesmo acontece com os exemplos (85a) e (85b) abaixo. Entretanto, o segmento consonantal acrescentado foi o tepe alveolar [r].

(85)

- a. [ka'nela] + [awa] = [kanɛla'rawa]
 “perna” “cabelo” “cabelo da perna”
- b. [sa] + [awa] = [sa'rawa]
 “olho” “cabelo” “cílios”

3.4. Glides

Cândido (1998), ao apresentar os segmentos labial [w] e palatal [j] como fonema da língua Shanenawá, afirma que há um questionamento teórico acerca da classificação destes segmentos, considerando-nos ora como fonemas consonantais, ora como realizações fonéticas de suas correspondentes vogais altas posterior /u/ e anterior /i/. Segundo a autora, para elucidar esse questionamento, os segmentos [w] e [j] devem ser tratados como constituintes da sílaba, pois de acordo com as teorias não-lineares, a diferença entre os segmentos [-cons], ou seja, glides e vogais, é estabelecida em função da estrutura de cada sílaba. Dessa forma, caso o segmento ocupe a posição de *Núcleo*, será interpretado como vogal; mas caso ocupe as posições marginais, *Ataque* ou *Coda*, será interpretado como glide (SELKIRK, 1982, citado por CÂNDIDO, 1998).

Burquest (1998 citado por SILVA, 2006), afirma que alguns segmentos nas línguas são foneticamente ambíguos podendo ser interpretadas ora como vogal (V) ora

²³ Collischonn (2001, p.103 e 104) considera que toda sequência fonológica é exaustivamente dividida em sílaba, isto é, qualquer segmento tem de ser associado a uma sílaba, compondo assim, o princípio do licenciamento prosódico. A epêntese, segundo a autora, ajusta a estrutura silábica de modo que ela deixe de violar o princípio do Licenciamento Prosódico.

como consoantes (C). Com isso, duas possibilidades são dispostas. Os segmentos, labial [w] e palatal [j], podem ocorrerem em início de palavra, comportando-se assim, como consoantes, exemplificados em (17) e (18):

- (17) [w]
- | | |
|-------------------------------|-------------|
| a. [wa'riba] ~ [wa'riwa] | Guariba |
| b. [wira'wa'su] ~ [wirawa'su] | Gavião real |
| c. [wasai] | Açaí |

- (18) [j]
- | | |
|--------------|---------|
| a. [ja'pūna] | Forno |
| b. [ja'si] | Lua |
| c. [ju'sara] | Coceira |

Além disso, podem ocorrer em sequência com vogais, comportando-se mais como vogal do que como consoantes. Normalmente, sequências de vogais envolvendo /i/ e /u/ formam glides, ou seja, um único núcleo para dois segmentos vocálicos, corroborando, assim, com as considerações sobre glides de Selkirk citadas acima.

Borges (1991), ao fazer uma análise fonológica do Nheengatu do Alto Rio Negro, apresenta os fones [y], [ỹ], [w] e [w̃] em seu inventário fonético e, no cenário fonológico, apresenta /y/ e /w/ como semivogais, sendo que o primeiro possui três alofones e o segundo possui dois alofones. Não há uma discussão, a partir desses dados, sobre a ocorrência de ditongos na língua. Quanto à sílaba, o autor sugere como padrão silábico (C₁) (C₂) V (C₃), composto por seis tipos silábicos: três abertos (V, CV, CCV) e três fechados (VC, CVC, CCVC). Como podemos observar pelos tipos de estruturas silábicas, o autor não considera como vogal os segmentos /y/ e /w/.

Cruz (2011, p.59) considera a existência de ditongos na variante do Nheengatu do Alto Rio Negro. Segundo a autora, os ditongos crescentes e decrescentes nesta língua são formados por vogal acompanhada de glide. Dessa forma, a língua tem como tipos silábicos V, CV, (C)VN, VG e CVG, sendo que o *Ataque* pode ser ocupado por todas as consoantes e pelas vogais altas /i/ e /u/, foneticamente realizadas como glides /j/ e /w/, o *Núcleo*, único elemento obrigatório, é preenchido por uma vogal simples e glides ocorrem também na *Coda*. Assim, nesta análise fonológica do Nheengatu do Alto Rio

Negro, não temos a ocorrência das aproximantes labial /w/ e palatal /j/ como consoantes, ou seja, fonologicamente, elas são vogais.

O Nheengatu do Médio Rio Amazonas também possui os segmentos labial [w] e palatal [j], sendo comum encontrarmos sequência de segmentos vocálicos como constituintes da mesma sílaba. Entretanto, como foneticamente as aproximantes bilabial [w] e palatal [j] são muito similares, a vogal alta posterior /u/ e vogal alta anterior /i/, respectivamente, até o momento, não há evidências suficientes que nos leve a tomar a decisão de como representar o segmento. Por isso, analisamos alguns exemplos dessas sequências de segmentos ambíguos.

3.4.1. Sequência de segmento em Ataque

Em Nheengatu, sequência de segmentos ambíguos envolvendo vogais altas ocorrem em posição inicial de palavra. Kindell (1981, p.91) diz que eles são pontos problemáticos em uma análise fonológica por terem duas funções potenciais: a de consoante e vogal. Para a autora, a interpretação desses segmentos ambíguos é feita em termos de segmentos não ambíguos, ou seja, “unidades não-ambíguas, ou sequências de unidades não-ambíguas, fornecem um padrão para interpretação de unidades ou sequência ambíguas” (KINDELL, 1981, p.92). Partindo dessa perspectiva, podemos interpretar os segmentos ambíguos pela estrutura silábica da língua, seguindo os padrões silábicos que não apresentam ambiguidade. Para essa análise, utilizamos os exemplos abaixo:

(87)

- | | |
|----------------|-----------|
| a. [ma.'si] | ‘doente’ |
| b. [ua.'su] | ‘grande’ |
| c. [ia.'si] | ‘lua’ |
| d. [pi.'ra] | ‘peixe’ |
| e. [ui.'ra] | ‘gavião’ |
| f. [ta.tu.'i] | ‘grilo’ |
| g. [ua.sa.'i] | ‘açai’ |
| h. [su.'ki.rɨ] | ‘azul’ |
| i. [iu.'sa.ra] | ‘coceira’ |

Nos exemplos (b), (c), (e), (g) e (i), encontramos sequência de segmentos ambíguos envolvendo as vogais altas [u] e [i]. Em contrapartida, temos os exemplos (a), (d), (f) e (h) que não apresentam ambiguidade. Nesses últimos, os segmentos vocálicos [a], [i], [ɨ] e [u] são, claramente, vogais que ocupam a posição de núcleo de sílaba sendo elas os elementos mais sonoros da sequência. As oclusivas [p], [t], [k], a nasal [m], o tepe [r] e a fricativa [s] são consoantes pois ocupam posições adjacentes ao núcleo por serem menos sonoras que as vogais. Desta forma, quando analisamos a ocorrência desses segmentos, levando-se em consideração a estrutura silábica, consoantes e vogais são tratadas em termos fonológicos, seguindo o padrão CV para os outros exemplos apresentados.

Há, ainda, uma segunda interpretação para a sequência de segmentos ambíguos. Se considerarmos os exemplos (a), (d), (f) e (h) como padrão silábico CV, os outros exemplos seria padrão VV, ou seja, apresentaríamos dois padrões. Porém, como o padrão silábico CV é o mais comum em Nheengatu e, em início de palavras, a posição de *Ataque* é ocupada, majoritariamente, por consoante, não consideramos a segunda interpretação para a sequência de segmentos ambíguos.

Então, se levarmos em consideração o padrão estrutural da língua, as sequências [wV] e [jV], nas sequências ambíguas, seguirão o padrão silábico CV, ou seja, ao ocuparem a posição de *Ataque*, os segmentos [u] e [i] passam a se comportar como glides por conta da pressão da estrutura silábica, adaptando-se, desta forma, ao padrão silábico CV, como demonstra o exemplo abaixo:

(88)

a. CV.CV	/ma'si/	[ma.'si]	‘doente’
b. CV.CV	/wa'su/	[ua.'su]	‘grande’
c. CV.CV	/ja'si/	[ia.'si]	‘lua’
d. CV.CV	/pi'ra/	[pi.'ra]	‘peixe’
e. CV.CV	/wi'ra/	[ui.'ra]	‘gavião’
f. CV.CV.V	/tatu'i/	[ta.tu.'i]	‘grilo’
g. CV.CV.V	/wasai/	[ua.sa.'i]	‘açai’
h. CV.CV.CV	/su'kiri/	[su.'ki.ri]	‘azul’
i. CV.CV.CV	/ju'sara/	[ju.'sa.ra]	‘coceira’

Na análise das sequências, os seguimentos ambivalentes podem ocorrer em posição de Coda Silábica.

3.4.2. Sequência de segmento em Coda

No Nheengatu do Médio Rio Amazonas, também encontramos os segmentos [u] e [i] ocupando posição final de sílaba, conforme os exemplos abaixo:

(86)

- | | |
|---------------|------------|
| a. [pĩ.'dau] | ‘babaçu’ |
| b. [tʃi.'meu] | ‘alimento’ |
| c. [sai.'mɛ] | ‘afiado’ |
| d. [sɨ'ai] | ‘suor’ |
| e. [sua'su] | ‘veado’ |

Como já vimos anteriormente, essa sequência de segmento é considerada ambígua e, para interpretá-la, temos duas possibilidades. A primeira delas, segundo Silva (2006), é considerar o padrão silábico da língua, verificando se os segmentos ocorrem na mesma posição em que segmentos que não apresentam ambiguidade ocorram. Outra possibilidade é a verificação da ocorrência de sequências vocálicas formadas por vogais em posição final de sílaba e a não ocorrência de consoantes.

Para interpretar essa sequência de segmentos com a primeira possibilidade, teríamos que considerar a ocorrência do fone [k] em posição final de sílaba. Se retomarmos o exemplo (3), verificamos que, em um cenário fonético, temos este fone consonantal nesta posição.

(3) [k]

- | | |
|----------------|----------|
| a. [kɨwa] | Piolho |
| b. [tape'kũ] | Abanador |
| c. [ɨpɛkʷ] | Pato |
| d. [musik'pɨɨ] | Três |

Em nossa análise silábica, poderíamos ter considerado CVC como um tipo silábico da língua, uma vez que a posição de Coda Silábica é restrita à oclusiva velar

[k], segmento, comprovadamente, consoante. Assim, analisaríamos a ocorrência de sequência de segmentos ambíguos com [u] e [i] em comparação com sequência de segmentos não-ambíguos, conforme o exemplo abaixo:

(87)

a. [ka.'rukʷ]	‘urina’
b. [pĩ.'dau]	‘babaçu’
c. [musik'pĩri]	‘três’
d. [puraj'kɛ]	‘trabalhar’

Nos exemplos (b) e (d), temos a sequência de segmentos ambíguos envolvendo as vogais altas [u] e [i]. Por outro lado, a sequência de segmentos nos exemplos (a) e (c) não apresenta ambiguidade, sendo [u], claramente, vogal pois é o elemento mais sonoro da sequência, ocupando assim a posição de *Núcleo Silábico*. Nesse caso, o tepe [r], a nasal [m] e a oclusiva [k] são consoantes, pois encontram-se na posição adjacente ao núcleo sendo menos sonoros que as vogais.

Assim como na análise de sequência de segmento em *Ataque*, ao consideramos o padrão estrutural da língua, as sequências [CVw] e [CVj], nas sequências ambíguas, seguiriam o padrão silábico CVC, ou seja, ao ocuparem a posição de *Coda*, os segmentos [u] e [i] passariam a se comportarem como glides, adaptando-se ao padrão silábico CVC tendo em vista a pressão estrutural silábica. Como nos exemplos abaixo:

(88)

a. CV.CVC	/ka'ruk/	[ka.'rukʷ]	‘urina’
b. CV.CVC	/pĩ'daw/	[pĩ.'dau]	‘babaçu’
c. CV.CVC.CV.CV	/musik'pĩri/	[musik'pĩri]	‘três’
d. CV.CVC.CV	/puraj'kɛ/	[puraj'kɛ]	‘trabalhar’

Entretanto, esta análise não pode ser considerada para o Nheengatu do Médio Rio Amazonas pois só encontramos a ocorrência do segmento /k/ em posição de *Coda*, não encontramos nenhum outro segmento consonantal nesta posição. Por conta disso, não consideramos CVC como tipo silábico da língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas. A ocorrência da oclusiva velar [k] no cenário fonético, provavelmente, deve-se ao contato do Nheengatu com a Língua Sateré-Mawé que possui como tipo

silábico CVC, porém, para a posição de *Coda*, há, ainda, a ocorrência de seis outros segmentos consonantais /p, t, k, m, n, ɲ/ (SILVA, 2006), diferente do Nheengatu. Sendo assim, não temos como considerar a sequência de segmentos ambíguos envolvendo as vogais altas [u] e [i] como consoantes.

Outra possibilidade de interpretar a sequência de segmentos ambíguos é verificar se em posição final de sílaba não exista a ocorrência de consonantes, mas de sequências de vogais formadas por vogais.

Na língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas não há a ocorrência de sequência de segmentos com vogais médias e baixas. Porém, encontramos sequências de vogais baixas e altas. Para resolvermos essa questão, corroboramos com as considerações de Cruz (2011), já citadas anteriormente, sobre a existência de ditongos em Nheengatu.

Segundo Silva (2007, p.73), os ditongos são geralmente tratados como sequências de segmentos onde um desses segmentos é interpretado como uma vogal e o outro é interpretado como glide. A autora faz, ainda, a distinção entre sequências de vogais e ditongos. Sequências de segmentos vocálicos ocorrem em duas sílabas enquanto que os ditongos ocorrem em uma única sílaba²⁴, ou seja, “ditongo é uma vogal que apresenta mudanças de qualidade continuamente dentro de um percurso na área vocálica” (SILVA 2007, p.73). Cagliari (2007, p.70) também corrobora com as considerações de Silva (2007) acerca da diferença entre um ditongo e uma sequência de vogais. Cagliari (2007) acrescenta, à definição de ditongo, subcategorias: ditongos crescentes ou decrescentes. Segundo ele, ditongos crescentes são aqueles que apresentam a parte final da sequência mais proeminente, enquanto que ditongos decrescentes são aqueles que apresentam a parte inicial mais proeminente.

Seguindo essa perspectiva, podemos considerar a ocorrência de ditongos também na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, ou seja, para as sequências de segmentos com [u] e [i] ocupando final de sílaba, temos ditongos crescentes e decrescentes. Ao retomarmos o exemplo (86), encontramos as sequências com [u] e [i] ocupando final de palavra.

(86)

a. [pĩ.'dau] ‘babaçu’

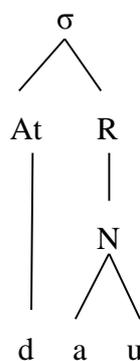
²⁴ Ferreira Neto (2001, p.152), ao exemplificar a escala de sonoridade, utiliza as palavras *sáia* e *saída*, em português. Podemos usar estas duas palavras para diferenciar uma sequência de vogais e ditongo no português. Segundo as considerações de Silva (2007), *sáia* pode ser considerada como ditongo pois essa sequência de segmentos ocorrem em uma única sílaba e *saída* é uma sequência de vogais pois ocorre em sílabas diferentes.

- b. [tʃi.'meu] ‘alimento’
 c. [sai.'mɛ] ‘afiado’
 d. [sɨ'ai] ‘suor’
 e. [sua'su] ‘veado’

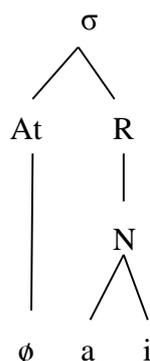
Os ditongos decrescentes encontram-se em (a), (b), (c) e (d) e exemplos de ditongos crescentes podemos encontrar em (e). Para essa sequência de segmento, temos o que Bisol (1989 citado por FERREIRA NETO, 2001) chama de núcleo silábico complexo, ou seja, segmentos vocálicos ocupando um único núcleo. Essa ocorrência pode ser vista em (89a) e (89b):

(89)

- a. [pĩ.'**dau**] ‘babaçu’



- b. [sɨ'**ai**] ‘suor’



O estudo da estrutura da sílaba da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas nos permitiu analisar os padrões silábicos e sua distribuição dentro da palavra. Verificamos que, para ocupar a posição de *Núcleo*, admite-se qualquer fonema vocálico. Quanto à posição de *Ataque*, todos os segmentos consonantais podem ocupá-

la com restrições ao /d/, /ɲ/ e /r/ que ocorrem apenas em *Ataque* de sílaba medial. Averiguamos, também, as sequências de segmentos consideradas ambíguas, glides, que foram atestadas em posição de Ataque e Coda Silábica.

No capítulo seguinte desta dissertação, apresentamos algumas considerações acerca do acento em Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

4. ACENTO

Diferente da maioria das línguas indígenas do tronco Tupi que possuem o acento previsível na última sílaba da palavra (SEKI, 2000, p.419 e SILVA, 2006, p.95), o padrão acentual do Nheengatu do Alto Rio Negro é considerado imprevisível, podendo ocorrer tanto em posição final de sílaba quanto em posição pré-final de sílaba (CRUZ, 2011, p.75), ou seja, o acento pode recair na penúltima ou última sílaba, acontecendo, desta mesma forma, no Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

Nas palavras simples, aquelas que podem ser constituídas por uma ou mais sílabas, encontramos a ocorrência de acento tanto em penúltima quanto na última sílaba, como vemos nos exemplos abaixo, sendo (a) com duas sílabas e (b) como mais de duas sílabas:

(90)

a.

Penúltima sílaba	Última sílaba
[i'fa] mel	[a'i] bicho preguiça
[bɔja] cobra	[i'ze] machado
[kã:ja] Pimenta	[ta'za] Taioba
[ɔka] Casa	[a'ʃu] sogra
[gara] canoa	[mi'ri] pequeno
[mira] Pessoa	[katu] isso
[sera] Nome	[mɨ'ra] madeira
[kiwa] Piolho	[pe'tũ] noite

b.

Penúltima sílaba	Última sílaba
[a'moja] avô	[ape'kũ] língua
[sera'tiwa] sogro	[api'ga] homem
[pu'tira] flor	[puru'ã] umbigo
[a'mãna] chuva	[awa'tʃi] milho
[sa'uba] saúva	[ʃibu'i] minhoca
[pu'tẽma] tabaco	[ãdi'ra] ~ [ãde'ra] morcego
[pi'ʃanu ~ pi'ʃana] Gato	[maru'ĩ] meruim

[pa'kɔva] Banana	[tatu'i] grilo
[pi'fãja] Tesoura	[puka'tu] longe
[ku'pidu] Capivara	[sãta'muk] reto
[sapu'kaja] Frango	[tata'tjĩ] Fumaça
[ba'kaba] bacaba	[kamũ'tjĩ] Pote
[ari'rãba] martim-pescador	[awa'tjĩ] Milho
[kã'wera] Osso	[jawari'te] onça
[se'rɔka] Minha casa	[kuru'mĩ] Menino
[ne'rɔka] Sua casa	[mapu'jĩ] Animal
[peka'tu] Distante	[ʒuru'mũ] abóbora

Como podemos perceber nos dados apresentados acima, não há uma regularidade em qual posição o acento irá recair. Porém, notamos que sempre cairá em uma destas duas posições. Collischonn (2001, p.133) afirma que tal irregularidade acontece com o português e que os estudiosos poderiam considerar o acento como livre, não havendo nenhuma posição determinada em relação à sua estrutura segmental. Entretanto, a própria autora sugere que essa ideia não dá conta de muitas regularidades que há na distribuição do acento na língua portuguesa, ou seja, o acento pode cair somente nas três últimas sílabas. Todavia, por mais que o padrão acentual do Nheengatu do Médio Rio Amazonas não siga o padrão da maioria das línguas do tronco Tupi, ele tem uma regularidade: o acento cai sobre a penúltima ou última sílaba em palavras simples.

Quanto às palavras compostas, aquelas que podem ser feitas a partir da junção de duas palavras simples para formar uma outra, o acento da palavra simples permanece fixo, ou seja, quando há a junção, não há modificação de acento, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(91)

- | | | | | |
|--------------|---|----------|---|---------------|
| a. [kã:ja] | + | [i'wa] | = | [kã:ja'i'wa] |
| “pimenta” | | “árvore” | | “pimenteira” |
| b. [ba'kaba] | + | [i'wa] | = | [bakaba'i'wa] |
| “bacaba” | | “árvore” | | “bacabeira” |
| c. [kã'wera] | + | [pi'ra] | = | [piraka'wera] |

	“osso”		“peixe” [mapu'ʃi] “animal”		“osso de peixe” [mapu'ʃika'wɛra] “osso de animal”
d.	[a'mãna] “chuva”	+	[mi'ri] = “pequena” [wa'su] “grande”	=	[amãnami'ri] “chuveiro” [amãnawa'su] “chuva forte”
e.	[ta'siwa] “formiga”	+	[wa'su] = “grande”	=	[tasiwawa'su] “formigão”
f.	[wɨ'ra] “gavião”	+	[wa'su] = “grande”	=	[wɨrawa'su] “gavião real”
g.	[ʔawa] “cabelo”	+	[i'wa] = “braço/antebraço”	=	[iwa'ʔawa] “cabelo do braço”
h.	[tu'ɨ] “sangue”	+	[mira] = “gente”	=	[miraru'ɨ] “sangue de gente”

É importante ressaltar que, mesmo mantendo a posição do acento das palavras simples, nas palavras compostas, o grau de intensidade da segunda palavra é mais forte que a primeira, ou seja, os constituintes à esquerda apresentam o acento secundário e o constituinte à direita leva o acento primário, relatado também por Borges (1991, p.87) para o Nheengatu do Rio Negro.

Borges (1991) e Taylor (1985) consideram, ainda, que o acento em Nheengatu é fonológico, pois pode distinguir significados. Para essa interpretação, a análise de pares mínimos é utilizada. Na variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas, encontramos, também, palavras que são distintas apenas pela posição do acento, como nos exemplos abaixo:

(92)

a.	/mira/	[mira]	“gente”
	/mɨ'ra/	[mɨ'ra]	“madeira”
b.	/kiwa/	[kiwa]	“piolho”
	/ki'wa/	[ki'wa]	“pente”

c. [i'wa]	[i'wa]	“árvore”
[i'wa]	[i'wa]	“terra”
d. [p'ira]	[p'ira]	“corpo”
[pi'ra]	[pi'ra]	“peixe”
e. [a'wa]	[a'wa]	“cabelo”
[a'wa]	[a'wa]	“quem”

Apresentamos neste capítulo algumas considerações acerca do acento no Nheengatu do Médio Rio Amazonas. Observamos que, mesmo o acento não recaindo na última sílaba como na maioria das línguas Tupi, ele mantém um padrão acentual em que a tonicidade pode ser encontrada tanto na penúltima como na última sílaba em palavras com duas ou mais sílabas. Em palavras compostas, após o processo de junção das palavras, o acento das palavras simples permanece fixo, não havendo modificação de acento. Observamos, ainda, a ocorrência de acento fonológico utilizado para distinção de significado. Entretanto, para análises mais aprofundadas acerca do acento na Língua Nheengatu, precisaríamos de uma abordagem teórica que sustente melhor essa questão tendo em vista que a abordagem utilizada neste trabalho não aborda. Para análise futuras, outras abordagens, como por exemplo, a não-linear sobre acento e suprasegmentos, podem ser utilizadas.

Por fim, sabemos que o estudo do acento da variante do Nheengatu do Médio Rio Amazonas ainda não é conclusivo, entretanto, as considerações expostas nesta pesquisa irão subsidiar futuras análises acerca do assunto nesta variante.

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ACERCA DO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS

Ao longo da pesquisa, fizemos algumas considerações quanto à relação, em nível fonético e fonológico, entre a língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas e do Alto Rio Negro²⁵, variantes de uma mesma língua, e quanto ao Nheengatu e a Língua Sateré-Mawé, línguas que comungam o mesmo espaço de fala.

Ao compararmos as duas variantes do Nheengatu, a do Alto Rio Negro e a do Médio Rio Amazonas, encontramos uma pequena diferença entre os quadros fonológicos. Na variante do Alto Rio Negro, temos um inventário de doze fonemas consonantais enquanto que na variante do Médio Rio Amazonas encontramos quinze fonemas. A diferença entre os inventários fonológicos está na ocorrência dos segmentos [ʒ, w, j] que não aparecem como fonemas na primeira variante e, na nossa análise, consideramo-nos como fonemas, como podemos observar no quadro abaixo, já apresentado anteriormente e na figura 7.

Quadro 7 - Fonemas Consonantais

	Bilabial	Alveolar	Pós-alveolar	Palatal	Velar
Oclusiva	p b	t d			k g
Nasal	m	n		ɲ	
Tepe		r			
Fricativa		s	ʃ ʒ		
Aproximantes	w			j	

Fonte: Autoria Própria baseado no modelo do IPA (2005)

Figura 5 - Sistema Consonantal do Nheengatu do Alto Rio Negro

		LABIAL	CORONAL		DORSAL	
			[+ ant]	[- ant]		
- soante	- voz	p	t		k	- contínuo
- soante	+ voz	b	d		g	- contínuo
- soante	- voz		s	ʃ		+ contínuo
+ soante	(+ voz)	m	n	ɲ		- contínuo
+ soante	(+ voz)		r			+ contínuo

Fonte: Cruz 2001, p. 34.

²⁵ Para esta comparação usamos os dados de Cruz (2001) ao tratarmos sobre o Nheengatu do Alto Rio Negro e os dados de Silva (2006) para compararmos o Nheengatu do Médio Rio Amazonas como o Sateré-Mawé.

Tivemos também outra diferença entre as variantes ao compararmos o inventário fonológico das vogais. No Nheengatu do Alto Rio Negro, há registro de oito fonemas vocálicos e no Nheengatu do Médio Rio Amazonas há nove fonemas vocálicos. Consideramos, para esta análise, a ocorrência da vogal central alta oral [i] bem como a vogal posterior média fechada oral [o], como podemos verificar no quadro abaixo e na figura 6.

Quadro 8 - Fonemas Vocálicos

	Não - Arredondado						Arredondado		
	Anterior			Central			Posterior		
	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa	Oral	Nasal	Longa
Alto (fechado)	i	ĩ		ɨ			u	ũ	
Médio fechado	e						o		
Médio Aberto									
Baixo (aberto)				a	ã				

Fonte: Autoria Própria baseado no modelo do IPA (2005).

Figura 6 - Sistema de Vogais do Nheengatu do Alto Rio Negro

CORONAL		DORSAL			
i	ĩ		u	ũ	+ alto - baixo
e	ẽ				- alto - baixo
		a	ã		- alto + baixo

Fonte: Cruz, 2011, p.34.

Ao analisarmos trabalhos que tratam do Nheengatu do Alto Rio Negro²⁶, podemos verificar que o segmento consonantal /ʒ/ não é considerado fonema. Entretanto, na nossa análise, encontramos par mínimo desse segmento com seu corresponde surdo /ʃ/. Por essa razão, passamos a considerá-lo como fonema. Para os

²⁶ Taylor (1985), Borges (1991), Moore et al. (1993) e Cruz (2011).

outros dois segmentos, /j/ e /w/, há algumas divergências entre os autores. Cruz (2011), por exemplo, considera-os apenas como ocorrência fonética, ou seja, não tem posição de consoante na análise fonológica, Moore et al. (1993), por outro lado, afirma que são fonemas consonantais. Para esta análise, consideramos estes segmentos como fonemas consonantais, pois além de encontramos pares mínimos entre eles, ao analisarmos a sílaba desta língua, verificamos que eles ocupam posição de *Ataque Silábico* em início de palavras, ou seja, posição de consoante.

Quanto aos segmentos vocálicos, ao analisarmos as diferenças, vimos que os segmentos /o/ e /i/ não ocorrem nos estudos do Nheengatu do Alto Rio Negro, citados anteriormente. Entretanto, retomando os estudos do Tupinambá, encontramos a ocorrência desses segmentos. Moore et al. (1993) ao comparar sua análise do Nheengatu do Alto rio Negro com o Tupinambá, ratifica essa diferença entre as duas (Figura 9).

Figura 7 - Comparação do Nheengatu Moderno com o Tupinambá

Modern Nheengatu						Tupinambá			
p	t	(č)	k	(kw)	(?)	p	t	k	?
mb	nd		ng			b			
(b)			(g)				s	š	
	s	š				w	r	y	
w	r	y, ŷ				m	n	ŋ	
m	n					i	i	u	
i		u				e		o	
e									
	a						a		

Fonte: Moore et al, 1993.

Rodrigues (2005, p.36) apresenta seis vogais orais ao tratar do Proto-Tupi-Guarani, Awetí e Mawé: /i/, /i/, /u/, /e/, /a/, /o/. Vale ressaltar que a Língua Nheengatu faz parte do Proto-Tupi-Guarani. Dietrich (2010, p.18) afirma que o Tupinambá e o Guarani Antigo têm um sistema vocálico de seis vogais: a baixa /a/, as médias /e/ e /o/ e as altas /i/, /i/ e /u/. Dessa forma, a ocorrência desses segmentos na variante do

Nheengatu do Médio Rio Amazonas pode, em princípio, representar a manutenção dessas vogais em seu inventário fonológico, ou seja, mesmo depois do contato com a língua Sateré-Mawé e com a língua portuguesa, o Nheengatu não perdeu esses três fonemas vocálicos, nesta região.

Uma possível razão para que o Nheengatu do Médio Rio Amazonas mantivesse as formas mais antigas da língua é o contato direto com a língua Sateré-Mawé. Como já mencionamos anteriormente, Silva (2006, p.33) já havia identificado a relação entre o Nheengatu e o Sateré-Mawé na região do Rio Andirá. Ela afirma que as influências do Nheengatu podem ser observadas no léxico do Mawé sendo incorporadas ora sem nenhuma alteração, ora com algumas adaptações fonológicas. Além dos dados apresentados pela autora que foram confirmados na nossa pesquisa, é importante ressaltar que, segundo Silva (2006), o Sateré-Mawé, assim como o Nheengatu do Médio Rio Amazonas, possui seis vogais orais, incluindo /i/, /o/, ou seja, ambas possuem os mesmos fonemas vocálicos orais, diferente da variante do Nheengatu do Alto Rio Negro.

Poderíamos sugerir, então, que o contato direto do Nheengatu e do Sateré-Mawé na região do Médio Rio Amazonas manteve alguns segmentos fonológicos do Nheengatu, diferente do Nheengatu do Rio Negro que ao que parece perdeu alguns segmentos no seu inventário fonológico. Entretanto, vale ressaltar que, mesmo sendo línguas do tronco tupi, Nheengatu e Sateré-Mawé são diferentes por mais que apresentem semelhanças – devido a sua história de contato nessa região – cada uma tem sua particularidade.

Ao longo da pesquisa, algumas semelhanças e diferenças, em nível fonético e fonológico, entre a variante do Nheengatu do Alto Rio Negro e do Médio Rio Amazonas, bem como dessa última variante com a língua Sateré-Mawé, foram listadas. Essas considerações foram observadas ao longo da pesquisa e nos proporcionaram uma visão mais ampla do Nheengatu, tendo em vista que estávamos analisando não só as características particulares desta língua, mas suas relações com suas variantes e com línguas que dividem o mesmo espaço de fala. Entretanto, essa comparação ainda é considerada preliminar. As considerações apresentadas neste capítulo servirão para análises futuras da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada sobre a variante da língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas teve como objetivo apresentar os aspectos fonético-fonológicos relevantes. Porém, sabemos que ainda restam questões a serem resolvidas, devido à complexidade desta língua. Além disso, é importante lembrar que o estudo fonológico é o primeiro passo de uma análise linguística sendo, posteriormente, relacionada a outros níveis, como o morfossintático.

Na região do Médio Rio Amazonas, onde nosso trabalho foi realizado, o Nheengatu não é mais falado cotidianamente; há alguns poucos falantes e todos acima de quarenta anos. Nossa pesquisa realizou-se naquela região, mais precisamente nos municípios de Parintins e Barreirinha, no Estado do Amazonas.

Contamos com a colaboração de três falantes de uma mesma família – Sr. José Nogueira, Sr. Luiz Nogueira e Sr. Agabino Nogueira, que nos ajudaram no trabalho de coleta e transcrição de dados durante nossas viagens a campo, realizadas em meados de setembro de 2012 e fim de novembro de 2013.

A partir do *corpus* linguístico obtido no trabalho de campo, fizemos um inventário fonético do Nheengatu. Ele é constituído de 18 fones consonantais e 15 sons vocálicos. Para a análise fonológica tivemos como princípio os critérios de contraste, distribuição complementar e variação livre descritos por Pike (1947). Podemos, assim, definir os fonemas /p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, r, s, ʃ, ʒ, w, j/ como consoantes e os fonemas /i, e, i, a, u, o, ã, õ/ como vogais da língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas.

Descrevendo de forma mais clara alguns processos fonológicos que não ficaram tão claros na análise fonológica, analisamos a sílaba, a partir de seus tipos silábicos e suas constituições internas, tendo como aporte teórico as teorias fonológicas mais atuais, ou seja, as não-lineares.

O estudo da estrutura da sílaba definiu os tipos V e CV como padrões silábicos em Nheengatu, não atribuindo, em seu inventário silábico, um elemento na posição de *Coda* do padrão CV.

Quanto às sequências de segmentos ambíguos, dividimo-las em duas partes: em posição de *Ataque* e em posição de *Coda*. Em *Ataque*, a ambiguidade encontrava-se quanto ao uso das vogais altas anterior [i] e posterior [u] em início de sílaba. Entretanto, devido à pressão estrutural da língua, elas passam a ser consideradas como aproximantes palatal [j] e bilabial [w]. Em posição de *Coda*, elas são analisadas como

ditongos, tendo como um núcleo silábico complexo ocupado por dois segmentos vocálicos.

Quanto ao acento, fizemos apenas alguns levantamentos de sua ocorrência, deixando, para pesquisas futuras, análise mais aprofundadas. Dentre esses levantamentos, observamos que o acento no Nheengatu do Médio Rio Amazonas recai sobre a penúltima e última sílaba, diferente da maioria das línguas do tronco Tupi onde a tonicidade está apenas na última sílaba. Constatamos, ainda, que o acento de palavras compostas permanece fixo mesmo após a junção das palavras. Além dessas duas características, encontramos, também, a ocorrência de acento fonológico utilizado para distinguir o significado das palavras.

Por fim, fizemos algumas considerações quanto às relações entre as variantes do Nheengatu e da relação desta língua com o Sateré-Mawé. Mesmo sendo uma comparação preliminar, observamos que as variantes do Alto Rio Negro e do Médio Rio Amazonas, se diferem quanto ao seu inventário fonológico, tanto o vocálico quanto o consonantal e, ao compararmos o Nheengatu com o Sateré-Mawé, verificamos que esta última língua pode ter contribuído com a manutenção de alguns segmentos fonológicos do Nheengatu desta região, que já não existem mais no Nheengatu do Alto Rio Negro, mas que existiram na variante mais antiga da língua.

Sabemos que esta pesquisa fonológica é apenas o início de um estudo mais aprofundado da língua, morfologia e sintaxe são os próximos níveis de pesquisa. Vale ressaltar que ainda ficaram questões para serem resolvidas que poderão ser contempladas em estudos posteriores. Assim, esperamos com este estudo ajudar futuras análises gramaticais do Nheengatu, variante do Médio Rio Amazonas, bem como contribuir para o conhecimento das línguas indígenas brasileiras e, principalmente as amazônicas.

REFERÊNCIAS

ACUÑA, Cristóbal de. **Novo Descobrimento do Rio Amazonas**. Edição, tradução e introdução ESTEVES, Antônio R. Coleção Orellana. Uruguai, 1994.

ALTMAN, Cristina. As línguas gerais sul-americanas e a empresa missionária: linguagem e representação nos séculos XVI e XVII. In: FREIRE, José R. Bessa; ROSA, Maria Carlota (Orgs.). **Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003. p. 57-83.

BORGES, Luiz Carlos. **Nheengatu: uma língua amazônica**. In: PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 1996. p. 44-55

_____. **A Língua Geral Amazônica: Aspectos de sua Fonêmica**. Orientação: A.D. RODRIGUES. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, 1991.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. Editora Paulistana. São Paulo, 2007.

CAGLIARI, Luiz Carlos & MASSINI-CAGLIARI, Gladis. Fonética. IN: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007. p. 105-146.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. **Iniciação à Fonética e à Fonologia**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

CÂNDIDO, Gláucia Vieira. **Aspectos Fonológicos da Língua Shanenawá (Pano)**. Dissertação de mestrado. UNICAMP 1998.

COLLISCHONN, Gisela. O acento em Português. IN: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001. p. 125-155.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

CRUZ, Aline da. **Fonologia e Gramática do Nheengatú: A língua geral falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa**. Orientação: W.L.M. Wetzels; W.F.H. Adelaar; F. Queixalós. Doutorado, Vrije Universiteit Amsterdam, 2011.

DANIEL, João (1722-1776). **Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas**. Volume 1 Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DIETRICH, Wolf. **O tronco tupi e as suas famílias de línguas: Classificação e esboço tipológico**. IN: NOLL, Volker & DIETRICH, Wolf. **O português e o tupi no Brasil**. Editora Contexto. São Paulo, 2010. p. 9-25.

EDELWEISS, Frederico G. **Estudos tupis e tupi-guaranis**. Rio de Janeiro: Brasiliana, 1969.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Da ‘Fala boa’ ao português na Amazônia brasileira**. Ameríndia, n.8, 1983.

_____. **Nheengatu**: a outra língua brasileira. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). História social da língua nacional. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2008. p. 119-150.

_____. **Rio Babel**: a história das línguas na Amazônia. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

FERREIRA NETO, Waldemar. **Introdução à fonologia da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Hendra, 2001.

GLEASON, Henry Allan Jr. **Introdução à Linguística Descritiva**. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 1978.

HAESBAERT, Rogério. **Regional – Global**: dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Características Gerais dos Indígenas**. Censo 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_gerais_indigenas/default_caracteristicas_gerais_indigenas.shtm>. Acessado em: 21 de julho de 2014.

IPA. Handbook of the International Phonetic Association. Cambridge University Press, 2005.

LEITE, Yonne. A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil e as línguas indígenas brasileiras. In: FREIRE, José R. Bessa; ROSA, Maria Carlota (Orgs.). **Línguas Gerais**: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2003. p.11-24.

LIMA, Michéli Carolíni de Deus. **Historiografia Linguística do Nheengatu**. Orientação: STEFANI, Giancarlo. Especialização. Manaus: UFAM, 2011.

KATAMBA, Francis. **An Introduction to Phonology**. Longman, 1989.

KAUFMAN & BERLIN. **South American Indian Language Documentation Project Questionnaire**. University of Pittsburgh & University of California at Berkeley, 1987.

KENSTOWICZ, Michael. **Phonology in Generative Grammar**. Blackwell Publishing, 1994.

KINDELL, Gloria Elaine. **Guia de Análise Fonológica**. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.

MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **O Selvagem**. Rio de Janeiro: Typografia da Reforma, 1876.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini. O tupi do século XVIII (tupi-médio). In: FREIRE, José R. Bessa et ROSA, Maria Carlota (orgs.). **Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial**. Rio de Janeiro: UERJ, 2003. p. 185-194.

MOORE, Denny & FACUNDES, Sidney & PIRES, Nádia. Nheengatu (LGA), its history, and effects of language contact. In: **Survey of California and other Indian languages**. Volume 8. Berkeley: University of California, 1993.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Método Moderno de Tupi Antigo**. Editora Vozes. São Paulo, 1999.

_____. **Curso de Língua Geral (Nheengatu ou Tupi Moderno): a língua das origens da civilização Amazônica**. Paym Gráfica e Editora. São Paulo, 2011.

PIKE, Kenneth Lee. **Phonetics**. Michigan: University of Michigan Press, 1943.

_____. **Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing**. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1947.

_____. **Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior**. The Hague: Mouton & CO. Paris, 1967.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Phonologie der Tupinambá-Sprache**. Doutorado, Universidade de Hamburgo, 1959.

_____. **Relações internas na família Tupi-Guarani**. Revista de Antropologia 27/28: 33-53, 1985.

_____. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

_____. As vogais orais do Proto-Tupí. IN: RODRIGUES, Aryon Dall'Igna & CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. **Novos estudos sobre línguas indígenas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005. p. 35-46.

SAID, Ali M. **Gramática secundária da língua portuguesa**. 6ª. edição. Melhoramentos. São Paulo, 1963.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

SILVA, Raynice Geraldine Pereira da. **Estudo Fonológico da Língua Sateré-Mawé**. LINCOM Studies in Native American Linguistics, 2006.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2009.

SPANGHERO FERREIRA, Vitória Regina. **Língua Matis (Pano)**: Uma análise fonológica. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2000.

TAYLOR, Gerald. **Apontamentos sobre o Nheengatu falado no Rio Negro**. In: Ameríndia. n. 10, 1985.

APÊNDICE - Vocabulário Nheengatu do Médio Rio Amazonas

VOCABULÁRIO NHEENGATU DO MÉDIO RIO AMAZONAS

Neste apêndice, apresentamos uma lista de itens lexicais da variante da língua Nheengatu do Médio Rio Amazonas. O objetivo deste vocabulário é contribuir para os estudos histórico-comparativo das línguas indígenas, brasileiras e amazônicas.

De forma preliminar, apresentamos uma lista, baseada nos duzentos itens lexicais de Swadesh²⁷. O vocabulário está organizado com as duas línguas, Nheengatu e Português. As palavras estão organizadas em ordem alfabética com a transcrição fonológica e tradução dos itens.

NHEENGATU – PORTUGUÊS

ajura	pescoço
akã	cabeça
aka	chifre
akutiruaja	rabo de cutia
amãna	chuva
apiga	homem
apekũ	língua
ãta	eles
awa	cabelo
awa	pêlo
awa	quem?
boja	cobra
erusã	gelo
hapitefa	eu chupei
ĩ	água
ĩaki	céu
ĩwa	árvore
ĩwasu	rio

²⁷ Cit. em SILVA, Alcionílio B. A. da. *Discoteca etnolingüístico-musical das tribos dos rios Uaupés, Içana e Cauaburi*. São Paulo: [Salesianos?], 1961.

ĩukui	areia
ĩutu	vento
ĩpã	correr
jawara	cachorro
ĩgalĩ	cantar
ike	aqui
ine	tu
ipũa	inchar
ipuku	comprido
irũ	com
irusã	frio
isãma	corda
ijẽ	eu
isũ	liso
ita	pedra
iwa	braço
iwa	terra
jakã	molhado
jane	nós
jãnũ	deitado
jasi	lua
jasã	nadar
jaso	lavar
jatu	curto
jepe	um
jokũ	outro
juri	vir
jukira	sal
juka	matar
juru	boca
kia	sujo
kamã	seio
kanẽla	perna
karawa	folha

katu	bom
kawa	gordura
kāwera	osso
kefi	dormir
kīwa	piolho
kujā	mulher
kuē	dia
kupe	costas
kurasi	sol
kurumĩ	menino
kutuk	furar
mapa	mãe
mãã	ver
mame	onde
manu	morrer
marame	quando?
marika	barriga
mau	comer
mee	dar
mira	gente/pessoa
miri	pequeno
mokōi	dois
momori	jogar/atirar
monok	cortar
murutjĩ	branco
musikpiĩ	três
namĩ	orelha
pi	pé
paja	pai
pasei	pesado
pe	caminho
peju	soprar
pepo	asa
petũ	noite

pira	peixe
pirã	vermelho
pirera	casca
pirera	pele
piġũ	preto
po	mão
puã	de pé
puãpe	unha
puisasu	novo
pukatu	longe
pukuafi	amarrar
pupo	pena
puruã	umbigo
putira	flor
sãġa	dente
saãġa	semente
saku	quente
sakuẽ	cheio
sãtamuk	reto
seki	puxar
semẽ	lábio
senũ	ouvir
sera	nome dele (a)
sesa	olho dele (a)
seta	muito
simiriko	esposa
suaja	rabo
suake	perto
sukire	verde
sukuera	carne
supi	se
supia	ovo
suu	morder
tata	fogo

tatatĩ	fumaça
tatimok	cinza
tawa	amarelo
ti	não
tikã	seco
tĩkatu	mau
tui	sangue
tuje	marido
tumõ	saliva
tĩ	nariz
ukua	saber
wapuk	sentado
wasẽ	rachar
wasu	grande
wata	andar
wira	pássaro/ave

PORTUGUÊS – NHEENGATU

água	ĩ
amarelo	tawa
amarrar	pukuafĩ
andar	wata
aqui	ike
areia	ĩukui
árvore	ĩwa
asa	pepo
barriga	marika
boca	juru
bom	katu
braço	iwa
branco	murutĩĩ
cabeça	akã
cabelo	awa
cachorro	jawara
caminho	pe
cantar	ĩgafĩ
carne	sukuera
casca	pirera
céu	ĩaki
cheio	sakuẽ
chifre	aka
eu chupei	hapitefã
chuva	amãna
cinza	tatimok
cobra	boja
com	irũ
comer	mau
comprido	ipuku
corda	isãma
correr	ĩpã

cortar	monok
costas	kupe
curto	jatu
dar	mee
de pé	puã
deitado	jãnũ
dente	sãpa
dia	kuẽ
dois	mokõi
dormir	keli
eles	ãta
esposa	simiriko
eu	ije
flor	putira
fogo	tata
folha	karawa
frio	irusã
fumaça	tatatĩ
furar	kutuk
gelo	erusã
gente/pessoa	mira
gordura	kawa
grande	wasu
homem	apiga
inchar	ipũa
jogar/atirar	momori
lábio	semẽ
lavar	jaso
língua	apekũ
liso	isũ
longe	pukatu
lua	jasi
mãe	mapa
mão	po

marido	tuje
matar	juka
mau	tʃĩkatu
menino	kurumĩ
molhado	jakã
morder	suu
morrer	manu
muito	seta
mulher	kupã
nadar	jasã
não	ti
nariz	tĩ
noite	petũ
nome	serã
nós	jane
novo	puisãsu
olho	sesã
onde	mame
orelha	namĩ
osso	kãwera
outro	jokũ
ouvir	senũ
ovo	supia
pai	paja
pássaro/ave	wira
pé	pi
pedra	ita
peixe	pira
pele	pirera
pêlo	awa
pena	pupo
pequeno	miri
perna	kanela
perto	suake

pesado	pasei
pescoço	ajura
piolho	kiwa
preto	pišũ
puxar	seki
quando?	maramé
quem?	awa
quente	saku
rabo	suaja
rabo de cutia	akutiruaja
rachar	wasẽ
reto	sãtamuk
rio	iwasu
saber	ukua
sal	jukira
saliva	tumõ
sangue	tui
se	supi
seco	tikã
seio	kamã
semente	saãpa
sentado	wapuk
sol	kurasi
soprar	peju
sujo	kia
terra	iwa
três	musikpifi
tu	ine
um	jepe
umbigo	puruã
unha	puãpe
vento	ĩutu
ver	mãã

verde

sukire

vermelho

pirã

vir

juri